

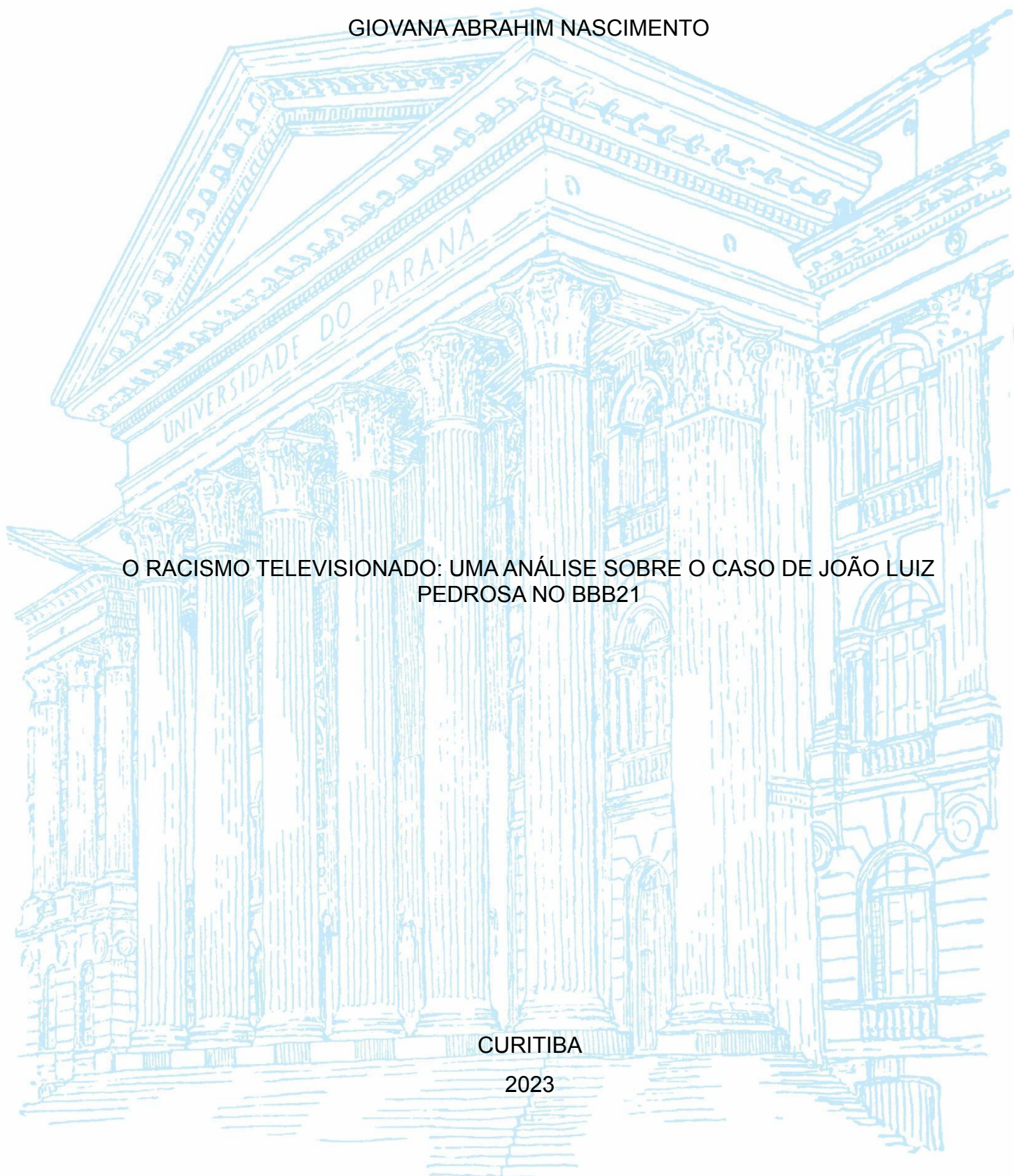
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GIOVANA ABRAHIM NASCIMENTO

O RACISMO TELEVISIONADO: UMA ANÁLISE SOBRE O CASO DE JOÃO LUIZ
PEDROSA NO BBB21

CURITIBA

2023



GIOVANA ABRAHIM NASCIMENTO

A PROPAGAÇÃO DO RACISMO TELEVISIONADO: UMA ANÁLISE SOBRE O
CASO DE JOÃO LUIZ PEDROSA NO BBB21

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Garson Braule Pinto

Curitiba

2023

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar um episódio de racismo ocorrido na vigésima primeira edição do Big Brother Brasil e aprofundar as questões raciais no Brasil. O estudo é baseado na fala racista do participante Rodolfo Matthaus envolvendo o cabelo de seu colega de confinamento, João Luiz Pedrosa. A pesquisa busca compreender como o público reagiu a esse acontecimento e qual foi o posicionamento da emissora em relação a esse tema. Foram analisados vídeos que registraram conversas entre os participantes, vídeo em que João explica como se sentiu, o discurso do apresentador da edição, Tiago Leifert, sobre o racismo e comentários dos telespectadores do programa na rede social Twitter. Como resultado, é possível observar que as pautas raciais se tornam cada vez mais necessárias e relevantes em programas midiáticos com o propósito de questionar e combater o racismo.

Palavras-chave: Racismo. Reality Show. Big Brother. Televisão.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Participantes da 21ª edição do <i>Big Brother Brasil</i>	37
Figura 02 – Postagem da conta oficial de Lucas Penteadó	38
Figura 03 – Publicação sobre a eliminação de Karol Conká	40
Figura 04 – Imagem de João Pedrosa e fantasia de Rodolfo	42
Figura 05 – Comentário 1	50
Figura 06 – Comentário 2	51
Figura 07 – Comentário 3	52
Figura 08 – Comentário 4	53
Figura 09 – Comentários na publicação da Folha de S. Paulo	54
Figura 10 – Gráfico de percepção do racismo no país	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 BIG BROTHER BRASIL COMO FENÔMENO COMUNICACIONAL	8
1.1 A televisão e sua linguagem	14
2 CONCEITO DE RAÇA E IMPORTÂNCIA NA MÍDIA	24
2.1 A invenção do conceito de raça	24
2.2 Os diversos tipos de racismo	29
2.3 Mídia e racismo	32
2.4 Representação: conceito necessário para a igualdade racial	34
3 O RACISMO TELEVISIONADO NO BBB 21	37
3.1 A EDIÇÃO DO CANCELAMENTO	37
3.2 ANÁLISE DO ACONTECIMENTO ENVOLVENDO O CABELO DE JOÃO PEDROSA	42
3.3 REPERCUSSÃO NO TWITTER	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

O Big Brother Brasil ocupa um espaço muito importante na TV brasileira. O impacto do programa se expressa em conversas cotidianas e no movimento das redes sociais. Ao atingir grande parcela da população brasileira, ele tem o poder de levantar pautas sociais de extrema importância que merecem ser questionadas com frequência.

As redes sociais possuem um papel importante em programas de *reality shows* como o Big Brother, pois possibilitam o engajamento e participação do telespectador no programa. Através das redes sociais é possível comunicar-se com grupos diferentes e ter percepções semelhantes ou influenciadas pelos outros. Nesse sentido, é relevante destacar que o BBB, apesar de inicialmente ser descrito como um programa televisivo, não se restringe apenas a essa mídia. O programa possui um caráter multiplataforma, sendo transmitido por diversas mídias, sendo cada uma responsável por diferentes versões do que acontece na casa. (CAMPANELLA, 2012).

Os discursos identitários dos participantes e o crescimento dos debates sociais nas redes digitais trouxeram responsabilidade e a necessidade de um posicionamento do Big Brother Brasil para seus milhões de telespectadores. Esse posicionamento é cobrado e esperado pelos fãs, que questionam e interagem com o programa em todas as edições. O fato de o telespectador se engajar e participar das decisões do *reality* refletem na maneira como o programa é conduzido. De acordo com Suzanna Villaverde:

Como sociedade, vivemos em comunidades e criamos outras a partir de interesses em comum com pessoas que querem trocar experiências. No caso do BBB, as pessoas se conectaram aos participantes da casa de uma forma que os ligassem às suas vidas pessoais e experiências. Por isso, olhar a resposta de uma comunidade sobre determinado tema é mais interessante do que olhar para o fato em si (SANTOS, 2021, s/p).

As questões sociais estão se tornando cada vez mais frequentes no programa, resultando em um grande impacto e uma forte repercussão em comunidades virtuais. Dentre os diversos temas sociais, o racismo é um assunto contestado com recorrência em grande parte das edições.

É preciso estar ciente que o racismo é um problema social presente no mundo todo desde o período da colonização e ainda, muitas vezes, é visto de forma normalizada pela sociedade. O racismo estrutural evidencia como esse processo de normalização aconteceu: através de termos, frases e até piadas antigas. Um exemplo de algumas expressões racistas que foram normalizadas são “lista negra”, “cor do pecado”, “a coisa tá preta”, etc. Além disso, pouco tempo após a abolição da escravidão o Brasil passou a adotar os costumes europeus como referência para criar uma identidade nacional, entretanto, o perfil da população brasileira não correspondia a essa identidade.

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é analisar a repercussão e os impactos de um episódio de racismo televisionado no *reality show* mais popular do país. Buscaremos apresentar o processo do racismo e entender a percepção do público do programa frente ao episódio. O objeto de foco deste trabalho é a discussão entre o cantor sertanejo Rodolfo Matthaus e o professor João Luiz Pedrosa em relação a comparação de uma peruca caricata ao cabelo de João feita por Rodolfo.

No primeiro capítulo, é apresentada uma síntese sobre o histórico do Big Brother Brasil, programa em que foi protagonizado o objeto de estudo deste trabalho. Na sequência, é realizado um estudo sobre a televisão e seus formatos, detalhando os gêneros televisivos e o surgimento dos *reality shows*.

Já o segundo capítulo discorre sobre o conceito histórico de racismo e seus diversos tipos. Além disso, é abordado o racismo na mídia e a importância da representação nesse contexto.

O terceiro capítulo analisa o caso de racismo sofrido por João Luiz Pedrosa e praticado pelo sertanejo Rodolfo Matthaus, em que o cantor assemelha o penteado *Black Power* de João a uma peruca suja e grotesca. Além disso, serão analisadas publicações realizadas por fãs do programa em relação ao caso de racismo.

Para fazer uma análise, foram selecionados comentários no Twitter para tentar compreender os discursos gerados a partir desse acontecimento. De forma geral, os comentários invalidaram o sofrimento de João Luiz e concordaram com a fala de Rodolfo.

1 BIG BROTHER BRASIL COMO FENÔMENO COMUNICACIONAL

A proposta em confinar um grupo de pessoas anônimas em uma casa com dezenas de câmeras não é recente. Em 1999, a produtora holandesa Endemol produziu e transmitiu através do canal Verônica, pela primeira vez, o *reality show* Big Brother. O primeiro formato consistiu em confinar cerca de 10 a 15 participantes anônimos em uma casa repleta de câmeras e microfones gravando seus passos 24 horas por dia em um período de 100 dias. Durante esse período os participantes ficam sem comunicação e informações com o mundo exterior, sendo submetidos a provas e desafios que garantam sua permanência na casa. A cada semana, um participante é eliminado pelo público. Vence o último participante que permanecer na casa, sendo recompensado com o prêmio de US \$125 mil.

A ideia surgiu do empresário John de Mol, criador de outros realities de sucesso, como o *The Voice* e o *Deal or No Deal*. O conceito de sobrevivência não surgiu por acaso, sendo inspirado em um projeto científico norte-americano chamado “A Biosfera 2”, o qual um grupo de cientistas viveu isolado em uma estrutura que imitava o ecossistema da Terra, realizado entre 1991 e 1993 (Conheça a história..., 2022).

Há muito tempo, havia um projeto nos Estados Unidos chamado “Biosphere 2”. Eles colocariam pessoas num local onde tivessem que plantar sua comida e sobreviver lá por dois ou três meses. Li sobre isso, achei intrigante e comecei a discutir o assunto com a minha equipe. Tentamos tornar isso um formato de tevê. E uma das melhores ideias foi a de que as pessoas na casa não teriam contato com o mundo exterior. Eles não saberiam o que aconteceria fora. Foi muito novo. Pela primeira vez, 100 câmeras estavam gravando simultaneamente. (DE MOL, 2014.)¹

Ainda que a proposta fosse arriscada e controversa, o primeiro Big Brother foi ao ar no dia 16 de setembro de 1999 e bateu rapidamente recordes de audiência na TV holandesa. Marcado pelo sucesso entre o público e os comerciais, no ano seguinte o formato do programa foi exportado para outros 19 países, como Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e Espanha.

Em janeiro de 2002, através da TV Globo, o Big Brother chegou ao Brasil. Enquanto o programa holandês estreava na emissora, o país terminava de acompanhar o *reality show* “A Casa dos Artistas”, transmitido diariamente em horário

¹ BANDALIS, Camila. “Os reality shows são o espelho da sociedade”. **ISTOE**, São Paulo, 05/03/2014. Disponível em https://istoe.com.br/350102_OS+REALITY+SHOWS+SAO+O+ESPELHO+DA+SOCIEDADE+/. Acesso em: 07/04/2022.

nobre pela emissora concorrente SBT. Com o formato similar ao *Big Brother*, salvo algumas exceções como o critério de participantes, a Casa dos Artistas foi pioneira no formato *reality show* na televisão brasileira, marcando recordes de audiência na emissora e ocasionando pela primeira vez a derrota no Ibope do programa Fantástico, exibido pela TV Globo. Diante do sucesso estrondoso do *reality show* transmitido pela concorrência, a Globo acelerou o lançamento da versão brasileira do *Big Brother*.

No dia de estreia, o público lotou a frente de um hotel em Copacabana, na zona sul do Rio de Janeiro, local onde os próximos 12 participantes do programa partiriam para os estúdios da Globo.

Pela primeira vez, no dia 29 de janeiro de 2002, os apresentadores Pedro Bial e Marisa Orth prendiam a atenção do telespectador brasileiro ao falarem ao vivo com os 12 participantes da primeira edição do programa. A proposta não se distinguia dos formatos de outros países, entretanto, o valor do prêmio e a duração da edição foram adaptadas pela emissora. O programa apresentava uma nova relação entre a televisão e o telespectador brasileiro. Enquanto os participantes interagiam entre si e disputavam o prêmio de meio milhão de reais, o público criava afinidade ou aversão a determinados participantes. Os participantes do programa escolhiam quem gostariam que fosse eliminado, mas o público decidia quem deixaria a casa.

A primeira edição foi marcada por novidades e aprendizados. Isso porque os participantes não tinham clareza do que não podia ser dito no programa, e por isso soltavam informações confidenciais frente às câmeras. Foi a primeira e única vez que o programa contou com dois apresentadores simultâneos, ainda contando com a saída da atriz e apresentadora Marisa Orth durante a exibição do programa. Além disso, foi a edição com o menor tempo de duração da história do programa, ocasionando apenas 64 dias de programa. A grande final do primeiro Big Brother Brasil ocorreu no dia 2 de abril, contando com três participantes, tendo Kleber de Paula como o primeiro vencedor do programa.

Excepcionalmente, em maio deste mesmo ano a segunda temporada do programa foi ao ar. Desta vez, com apenas Pedro Bial como apresentador e com a duração de 71 dias. Diferentemente da primeira temporada, a final contou com apenas dois participantes, batendo o recorde de audiência na final do programa comparado à edição anterior.

No decorrer das cinco primeiras edições, o programa ganhou novos fatores, como o Anjo e Imunizado, decidido através de provas semanais com o poder de conceder a imunidade a um participante, o aumento de três participantes, a primeira desistência voluntária do programa (BBB3), e a alteração para o dobro do valor do prêmio, concedendo um milhão de reais ao vencedor. Os primeiros anos do Big Brother Brasil foram bem recebidos pelo público, fazendo com que as quatro primeiras edições alcançassem sucesso em todo país, contudo, foi na quinta edição que o programa superou as expectativas dos produtores e do público.

Com nomes lembrados até hoje, como Grazi Massafera, Jean Wyllys e Marielza Souza, a edição protagonizou a divisão da casa em dois grupos e a criação da moeda fictícia “estaleca”, usada para compras alimentícias dentro do *reality*. A edição registrou a maior audiência desde sua estreia em 2002, tornando-se a de maior participação do público no paredão², somando 31 milhões de votos. Além do recorde de votos, no decorrer da temporada foi registrado o maior índice de rejeição na história do Big Brother Brasil até então, eliminando a participante Aline dos Santos com 95% dos votos. Foi também o ano em que uma participante sofreu um AVC dentro do *reality show*, gerando grande repercussão em todo o país.

No ano seguinte, o programa contou com pequenos ajustes na infraestrutura da casa, porém, com o sucesso do formato da quinta edição, a estrutura do jogo não sofreu grandes alterações. No entanto, a sexta edição não ultrapassou os recordes da edição anterior.

Em 2007, ao contrário das edições anteriores, o programa não atingiu altos índices de audiência iniciais. A situação se reverteu quando ocorreu a formação do triângulo amoroso entre os participantes Diego, Íris e Fani. O que chamou a atenção do público foi o fato dos três se tornarem grandes aliados, ao invés de inimigos. Por esse motivo, a edição conquistou a quarta posição de maior audiência do Big Brother Brasil.

A chegada da oitava edição trouxe novos elementos ao jogo. Desta vez, o programa incluiu o telefone “Big Fone”, objeto inexistente no formato original do Big Brother. Quem atendesse o Big Fone estava suscetível a várias opções, podendo ou colocar alguém no paredão, ganhar prêmios, cumprir prendas ou ser colocado no paredão. A nona edição também se destacou por trazer novos elementos para o

² Termo criado pelo ex-participante do BBB1, Adriano Castro, para denominar o ato de dois participantes se enfrentarem para sair do programa.

programa. Desta vez as mudanças vieram menos discretas, começando pela divisão da casa por um muro, separando dois lados entre A e B. Ainda no dia da estreia, através de um sorteio, foi definido de que lado ficaria cada um dos participantes da nona edição. De um lado, os participantes do lado A ficaram confinados no interior da casa, enquanto os participantes do lado B permaneceram em um quarto e uma área livre. Foi apenas no dia do primeiro paredão que o muro foi retirado, permitindo a integração entre todos os participantes.

As mudanças não pararam por aí. Pela primeira vez, o Big Brother Brasil apresentou a casa de vidro, colocando os pré selecionados participantes em uma casa coberta de vidro dentro do shopping Via Parque, localizado no Rio de Janeiro. O objetivo era confinar quatro pessoas dentro de uma casa “transparente” no shopping, dando abertura ao público escolher dois dos quatro integrantes para ingressar na casa no lugar do primeiro eliminado do programa. Ainda nesta edição, na quinta semana de jogo, o programa criou uma espécie de bolha na própria área externa da casa do Big Brother Brasil, separando mais dois candidatos para o confinamento com o restante dos participantes. Tanto os candidatos quanto os participantes não tinham conhecimento de quanto tempo a bolha permaneceria fechada no gramado, foi então, cinco dias depois, que o público votou a favor da permanência dos candidatos no programa, garantindo mais duas pessoas na disputa pelo prêmio de um milhão de reais.

Apesar das mudanças bem sucedidas, o ponto alto da edição foi a inauguração do Quarto Branco. O Quarto Branco, posteriormente temido pelos brothers³, consistia em um espaço pequeno com paredes acolhoadas na cor branco, contendo apenas três camas e um botão vermelho ao centro, que resultava na eliminação do participante que o acionasse. Foi por meio de uma ligação do Big Fone que os participantes Newton, Leonardo e Ralf receberam o castigo do Quarto Branco. As regras eram claras, o trio deveria ficar preso no ambiente até um deles apertar o botão vermelho no centro do quarto, sendo automaticamente eliminado do jogo. A única chance para que os três participantes pudessem voltar ao jogo, seria se a pessoa da qual eles indicaram ao paredão (Alexandre) fosse eliminada pelo público. Contudo, no segundo dia do Quarto Branco, o participante Leonardo

³ Termo criado pelo ex-participante do BBB1, Adriano Castro, e adotado pelo programa para se referir aos participantes do Big Brother Brasil.

apertou o botão de desistência e foi eliminado do *reality show*. O ocorrido repercutiu negativamente na mídia, levantando a pauta de tortura psicológica e tática cruel praticada pelos diretores do Big Brother Brasil. Por fim, a edição dispôs uma experiência de intercâmbio cultural entre o Big Brother Brasil e o Big Brother África, convidando o participante angolano Ricardo "Ricco" Venâncio para uma festa temática ao seu país de origem. Vale ressaltar que, pela primeira vez, o programa contou com 18 participantes ao longo da temporada.

A décima edição seguiu a referência da divisão da casa estabelecida no BBB9, separando os participantes entre duas casas. Houve também a divisão temporária dos integrantes em cinco tribos com três integrantes em cada, sendo elas: Sarados, Cabeças, Belos, Ligados e Coloridos. As provas eram realizadas individualmente, porém, a imunidade da liderança era retribuída entre todos os membros das tribos nas primeiras semanas do jogo. A edição também contou com a presença de cinco ex-participantes de edições anteriores e aumentou o valor do prêmio final para R\$ 1,5 milhão de reais, que se estabelece até hoje.

Entre 2011 e 2016, o programa passou por oscilações e tentativas de reconquistar a atenção do público. O formato sofreu poucas alterações, incluindo o "Poder do não"⁴, o paredão falso e a formação de um paredão quádruplo. Em 2016, o Big Brother Brasil voltou a ser tema recorrente na mídia. Isso ocorreu devido ao caso de agressão física ao participante Renan, resultando na expulsão da até então favorita do programa, Ana Paula Renault. Nesse mesmo ano, o ex-participante Laércio de Moura foi preso por estupro de vulnerável e por fornecer bebidas alcoólicas a adolescentes, crimes que havia cometido antes mesmo de entrar no programa.

Em 2017, mais uma mudança brusca. Dessa vez, Pedro Bial deixa o programa após 16 edições e é substituído por Tiago Leifert. O Big Brother Brasil 17 também foi marcado por escândalos e acusações, tendo o próprio nome da emissora envolvido. Durante a temporada, a produção do programa e a Globo foram acusadas de favorecer a permanência dos participantes Emily Araújo e Marcos Härter, que posteriormente formaram um casal. Este mesmo casal virou alvo de controvérsia entre o público quando o participante Marcos machucou sua companheira dentro da casa, gerando um embate entre os telespectadores e trazendo a reflexão sobre feminicídio e machismo presentes no país. Mais tarde,

⁴ Poder concedido ao líder da semana, podendo vetar a participação de brothers na prova do líder.

Härter foi denunciado e expulso do programa. Nas duas edições posteriores, em 2018 e 2019, respectivamente, o programa continuou seguindo sua proposta inicial em confinar apenas pessoas anônimas na “Casa mais vigiada do Brasil”. Vale lembrar que a 19ª edição do programa foi alvo recorrente de diversas críticas pelo público, incluindo casos de racismo, intolerância religiosa, acusações de assédio, apologia a maus-tratos a animais e a falta de posicionamento por parte da emissora frente a tantas denúncias, ocasionando a hashtag “#BBBProtegeRacista” no Twitter, sendo um dos assuntos mais comentados na rede social em 31 de janeiro de 2019. Ainda, a edição foi registrada com o menor nível de audiência na história do programa no Brasil.⁵

Com o fracasso da 19ª edição, o Big Brother Brasil resolveu alterar seu formato na tentativa de recuperar sua audiência. Pela primeira vez, no Big Brother Brasil 20, o programa deixou de ter apenas participantes anônimos em seu elenco. Para sua composição, o programa dividiu os participantes em dois grupos, nomeados como “Pipoca” para participantes anônimos, e “Camarote” para participantes conhecidos. Adicionou novos fundamentos ao jogo, como a prova bate-volta, contragolpe e o #FeedBBB. Com as novidades e o início da pandemia do Coronavírus 19, o programa conquistou a atenção do público rapidamente, conquistando recordes em votações no paredão⁶, sendo a detentora de sete das dez maiores votações do programa. Além do mais, a edição levantou a discussão de pautas sociais em todo o Brasil, trazendo questionamentos e reflexões sobre o machismo e racismo presentes na sociedade.

Por sua vez, a chegada do Big Brother Brasil 21 também abordou temas relevantes para todo o país. Seguindo o formato de sucesso da edição anterior, o BBB21 protagonizou inúmeras falas problemáticas, incluindo situações de xenofobia, intolerância religiosa, racismo, injúria racial, homofobia, bifobia, violência psicológica, colorismo, etc. Nesta edição, a nova pauta sobre cancelamento se tornou assunto recorrente dentro e fora do programa.

⁵ Rodrigues, Guilherme. BBB19 é a temporada de menor audiência da história do reality. **UOL**, Rio de Janeiro, 13/04/2019. Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/audiencia-da-tv/bbb19-e-a-temporada-de-menor-audiencia-da-historia-do-reality>. Acesso em 09/04/2022

⁶ BBB: O paredão de Manu vs Prior teve 1.532.944.337 de votos, **O Globo**, Rio de Janeiro, 01/04/2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/bbb-paredao-de-manu-vs-prior-teve-1532944337-de-votos-colocamos-numero-em-perspectiva-24343842>. Acesso em 09 de abril de 2022.

1.1 A televisão e sua linguagem

A televisão é um dos maiores marcos do século XX, sendo uma poderosa forma de influência e narrativa que atinge diretamente o comportamento da sociedade e sua forma de pensar e opinar.

Para que ela possa transmitir sua mensagem, é necessário que dialogue com a sociedade ao seu redor, fazendo com que o público consiga relacionar o que está sendo passado ao seu cotidiano. Segundo Jost, a verdadeira novidade da televisão está atrelada à união da imagem e sons ao vivo:

Refletir sobre a televisão é então, antes de tudo, levar em conta seu contexto e o lugar particular ocupado pelo telespectador; é adotar o que hoje se chama uma abordagem pragmática (em oposição à abordagem semiológica voltada unicamente à análise das mensagens). Alguns veem na transmissão direta a possibilidade de uma transparência absoluta, da negação da mentira (JOST, 2010, p. 45).

A televisão congrega múltiplas formas de linguagens pré-existentes, do rádio, teatro e principalmente do cinema. Mesmo utilizando essas informações, ainda assim, possui elementos de características próprias e essenciais que se diferenciam e destacam, desses e outros meios. Mesmo congregando outras linguagens ela criou a sua própria autonomia, mostrando que a imagem tem grande poder comunicacional.

A linguagem é um conjunto de códigos utilizados pelos seres humanos que pode ser apresentada de inúmeras formas. Podemos ver, através da televisão, que uma mensagem não precisa se resumir aos signos verbais. Muitas vezes, através da imagem conseguimos compreender o que nos é dito, mesmo que não seja em nosso idioma de costume (GAMBARO; FERREIRA, 2012).

Além de possuir a informação visual, a TV tem um grande raio de cobertura, conseguindo transmitir a informação simultaneamente para uma grande audiência, bastante heterogênea em termos de poder econômico e social. A recepção do assunto informado, é interpretado de formas diferentes apesar do conteúdo ser o mesmo.

No cinema, os filmes são feitos para um público específico que está sentado em uma poltrona, olhando para uma tela com única e exclusiva atenção a ela, envolvendo seu espectador em uma realidade fílmica. No caso da televisão - no caso da TV aberta - os programas são feitos para um público abrangente. Isso faz

com que a emissora constantemente faça alterações a fim de agradar a audiência. O que se busca é relacionar o mesmo conteúdo com culturas e vivências distintas através de histórias que cativam o seu público, fazendo com que associem a algo que os transporte diretamente ao que está sendo dito, transportando-os para uma outra realidade, fascinando-os pela narrativa contada.

O filme cinematográfico, exibido em uma sala escura, pede a atenção concentrada de todas as pessoas, enquanto a televisão compõe um ambiente doméstico, o qual é impossível dedicar total atenção ao programa televisivo sem observar a composição do ambiente. Além disso, a alta qualidade de definição da imagem do cinema serve melhor ao propósito de ser representação da realidade (MACHADO, 1997).

Ao contrário do mundo cinematográfico, a TV traz a possibilidade da transmissão ao vivo, criando uma forma de engajamento específica que valoriza a realidade captada diante do imediatismo televisivo. Desta forma, a televisão ocasiona uma leitura reflexiva do cotidiano de seus telespectadores, rendendo sempre assuntos corriqueiros. Assim, tudo que parece fugir de um *script* e padrão pré-definido soa como “improvisado”, sendo valorizado, ou desvalorizado, como tal.

A TV logra melhores resultados quando sua narrativa é recorrente, circular, reiterando idéias e sensações a cada novo plano, ou quando ela assume a dispersão, estruturando a programação em painéis fragmentários e híbridos, como nas colagens pictóricas ou nas revistas de variedades (VIEIRA, 2004, p. 85).

No entanto, essa fragmentação pode fazer com que ocorra uma falta de percepção temporal, pelo fato de que os programas possuem uma longevidade maior em relação ao cinema que se baseia em um formato fechado. Através de séries, por exemplo, o telespectador é instruído a assistir por um período maior de tempo, sempre intercalando com intervalos comerciais para que descanse um pouco e continue cativando sua atenção sobre o assunto transmitido, sempre tomando o devido cuidado para que a sonoridade e o ritmo visual se complementam e criem um apelo maior com o telespectador, fazendo com que o mesmo persista a sua atenção à televisão. Nesse sentido observa-se um fluxo televisivo, o qual a televisão não é estruturada por unidades separadas e nem dividida entre programas e anúncios publicitários, mas sim por uma sequência planejada transformada pela inclusão de

um outro tipo de sequência, de modo que essas sequências juntas compõem o fluxo geral (WILLIAMS, 1974).

François Jost (2004) assegura que a comunicação televisiva é como um contrato, onde existem dois lados: o emissor, que neste caso seria a TV, e o receptor, o público. Neste contrato, o emissor deverá cativar a atenção do receptor, que caso não goste, poderá trocar o canal e assistir algo que melhor o represente, enquanto o emissor deverá sempre buscar alternativas de cativar a atenção do público a fim de manter esse contrato, assim, quando for compreendido as suas necessidades com melhor clareza, conseguirá mantê-los interessados por um tempo maior. Desta forma, forma-se um acordo entre o receptor e o emissor, que reconhecem que se comunicam através de uma razão compartilhada (JOST, 2004, p. 8).

Esse contrato contempla todos os meios de comunicação: “O que se poderia dizer é que todos os jornais dizem mais ou menos a mesma coisa e o que difere de um jornal para outro é a atitude discursiva que ele mantém na relação com o seu leitor” (JOST, 2004, p. 10).

O telespectador ainda tem o poder de escolha. Se algo não agrada a grande parte, a programação deverá ser mudada, uma vez que não obteve o impacto estimado. Cada rede de transmissão possui uma maneira de se relacionar com o seu telespectador, e a depender disto, transforma-se e se difere das outras.

Para o meio televisivo, o importante é criar uma realidade ampliada do que está sendo transmitido e criar uma sensação maior de intimidade com a plateia.

Para defender sua hipótese, François Jost (2004) menciona o autor Charaudeau, que justifica que toda forma de comunicação também possui um contrato, e não há como a comunicação existir sem isso:

Esse contrato se define pelos próprios elementos envolvidos no processo discursivo. Essa concepção é estendida a todo o processo de comunicação, seja ele verbal ou não. Mas no caso da televisão, especificamente, haveria um duplo contrato. Um primeiro que se denominaria um contrato de credibilidade e um segundo, de captação (JOST, 2004, p. 11).

O autor conclui que, quando se pensa em televisão, se pensa em informação. Essas informações possuem a necessidade de atrair cada vez mais telespectadores, se transformando, como ele mesmo diz, em um grande espetáculo o qual todas as partes estão cientes disso, tentando ao máximo sair do texto e criar um vínculo de colaboração entre os dois (CHARAUDEAU, 1997). Essa definição de vínculo está

assimilada a programas como os de *reality show*, como é o caso do Big Brother, que em algumas edições mostra casais em discussão, separação e reconciliação.

É necessário entender qual a pretensão da narrativa para que se possa buscar diversificadas formas de expressão. Um exemplo disto é a apresentadora Tatá Werneck, que em 2020, ao ser acusada e criticada por uma fala transfóbica⁷ em seu programa *Lady Night*, contratou a comunicadora, mestranda na USP e mulher trans Ana Flor para prestar consultoria para o seu programa a fim de cometer o mínimo possível de erros. “O tom é um componente que se ancora principalmente no animador, para as emissões que advêm do mundo real e lúdico, ou nas personagens, no caso da ficção.” (JOST, 2005, p. 40).

A televisão chegou com força no Brasil em 1950. Teve sua estreia na TV Tupi, feita por Assis Chateaubriand, que não mediu esforços para trazer a TV ao país. Nessa época, o maior destaque da televisão era a condição do “ao vivo” e seus improvisos, migrando depois para os *videotapes*, transmissões não feitas somente em estúdio. Não demorou muito para a ditadura chegar e regulamentar a grade televisiva a partir de um código moral e político. Com este período, houve também a introdução e exportação das telenovelas, e no fim do século XX, o surgimento da TV por assinatura e em seguida tivemos a chegada das plataformas de streaming.

Até 1972, a televisão ainda era considerada somente uma instituição. A partir deste momento houve uma mudança e o firmamento como marca, surgindo então a identidade de cada emissora. Responsáveis pela programação, comercialização e identificação com o público, rotulando e categorizando sua grade em gêneros e buscando uma aproximação maior com quem o assiste, fazendo com que relacionem a identidade que a emissora procura transmitir para seus assinantes (JOST, 2010).

Consequentemente, estas emissoras se tornam diretamente um dos principais meios de informações e atualizações sobre o que ocorre no mundo no dia a dia, usufruindo deste marco com a capitalização e comercialização de seus negócios. Os canais de TV então foram se multiplicando, e a possibilidade de novos programas foram surgindo, possibilitando ao telespectador o poder de escolha do que assistir.

⁷ Tatá Werneck pede desculpas por piada transfóbica: ‘tem coisas que não são erros, são crimes’. **ESTADAO**, São Paulo, 14/11/2020. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/radar-emails/tata-werneck-pede-desculpa-por-piada-transfobica-te-m-coisas-que-nao-sao-erros-sao-crimes/>. Acesso em: 20/04/2022

Esta nova era trouxe várias consequências em função tanto do programa, (a imagem deve se adequar ao tamanho das telas) quanto de sua programação, (os ambientes mudam e a diversificação dos gostos do público também). Nos tempos atuais, conseguimos usufruir da TV, até mesmo nas telas dos nossos celulares e computadores, o que nos permite o consumo móvel. Esse é o ponto de partida de Jost (2010), que explica o significado de duas coisas: um aumento de poder dado à TV ou então o fim de uma era para início de outra, uma vez que a TV consegue alcançar o telespectador nos mais diversos lugares:

Nesse sentido, assim está reforçada sua presença no cotidiano. Paralelamente se assistirá a um duplo movimento tecnológico (que já está em ação): de um lado, a miniaturização das telas móveis; de outro, o aumento das telas fixas em casa, até o telão das imagens (JOST, 2010, p 56).

Por muito tempo, a TV foi a única forma de notícias e lazer de muitos, ela mudou a rotina e a forma de como as pessoas levavam suas vidas, seja para se informar ou para se distrair. A televisão é um meio de comunicação que se mantém até hoje, como uma das principais fontes de informação.

Com a chegada das novas mídias, as pessoas têm cedido mais à nova proposta de mundo que amplia o nosso espaço físico incorporando também o virtual (ZUFFO, 2001). Possuímos um leque maior de informações e novas formas de interação cada vez mais globalizadas. O público agora tem a opção de assistir o que quiser no momento que quiser do país de origem que melhor lhe convir.

Esta modernização traz para o seu telespectador uma maior autonomia e realiza o desejo em estar em todos os lugares, vendo todas as informações possíveis, quase como um Deus, transformando a TV em algo maior do que somente um ponto fixo (JOST, 2010, p. 58). Nos dias de hoje, ampliam-se as possibilidades de incorporar a TV no cotidiano. Devido a sua mobilidade é possível assistir a qualquer coisa da tela de um celular ou computador, sem deixar de lado outras tarefas que se esteja executando, como por exemplo, quando se assiste um jogo de futebol pelo celular ou então um filme pelo computador ao mesmo tempo que nos engajamos em outra atividade.

Além da abrangência de opções de diversos canais e variedade de programas, a televisão também conta com os gêneros, que buscam fazer com que o público participe do mundo que está sendo criado pela TV e a narrativa contada por ela. O gênero permite à TV agir sobre o telespectador no interior de um quadro

semântico. Por exemplo, na França, o que no Brasil se chama de *reality show* é denominado de tele realidade. O termo tele realidade aponta para uma leitura sobre a realidade (JOST, 2010).

Nos programas de televisão existem inúmeras opções de gêneros, como por exemplo o gênero ficcional (teledramaturgias, novelas, séries) no qual são contadas histórias onde em cada episódio o enredo se desenrola, possuindo começo, meio e fim com personagens fixos; gênero informativo (jornais, debates, noticiário) que procuram atualizar o espectador frente a eventos de grande repercussão; bem como *talk shows* e programas de auditório, que falam sobre a vida dos participantes e dão visibilidade aqueles ao seu redor. Vale ressaltar que cada gênero tem suas próprias convenções, como ressaltava Jost:

Todos esses nomes de gênero não estão no mesmo nível: alguns tomam como traço pertinente a forma da emissão (forma cênica para drama, docudrama); outros, sua materialidade (documentário, documento); outros, enfim, fazem referência a conjuntos muito mais vastos (realidade, ficção), que chamo de mundos. (JOST, 2010, p. 61).

Ainda, o autor salienta que todo gênero televisivo “repousa na promessa de uma relação com o mundo cujo modo ou grau de existência condiciona a adesão ou a participação do receptor” (JOST, 2004, p. 33). Essas promessas fundam três tipos de mundo: o mundo real, mundo ficcional e mundo lúdico.

O mundo real é aquele que faz referência ao nosso mundo, que contém uma promessa de chegar diretamente aos acontecimentos e de ser testemunha do mundo. Isso faz com que os avaliemos pelo eixo realidade-falsidade. O telespectador procura então, um sentimento de autenticidade, e o mundo real busca dar ao público a prova de que algo de fato está ocorrendo; é essa a sua promessa.

Quando um documento audiovisual faz referência ao mundo, isso significa que podemos levar a sério o que ele nos mostra por três razões (1) como signo do mundo, ele tem propósitos verificatórios sobre nosso mundo (atualidades, jornal televisivo, reportagens); (2) como signo do autor, ele exprime uma verdade profunda dos seres ou dos indivíduos (que qualquer um lembra quando fala de sentimentos autênticos), como nos testemunhos ou nas transmissões diretas em geral ou nas marcas de indivíduos cuja autoridade não é contestada. Um exemplo é a valorização de um documento em razão da personalidade de seu autor (o filme do escritor Hervé Guilbert, portador de aids, sobre seu próprio drama); (3) como documento, ele traz em si uma verdade incontestável (JOST, 2010, p 36).

No mundo ficcional acontece o contrário do real, nele as pessoas são levadas a viver em um universo imaginário. Todos os elementos até então descritos,

procuram fazer uma referência a este mundo “faz de conta”, de forma que respeite a lógica e o contexto em que foi criado e os detalhes descritos durante o percurso de sua história, com um roteiro que se pretenda coerente.

Já o mundo lúdico, é um intermediário entre o mundo ficcional e o mundo real, trata-se de um universo que remete a si mesmo, em que ocorrem variados estilos de jogos dispostos em categorias diferentes, podem ser feitos jogos de: adrenalina (à base do medo e de situações de perigo), de sorte ou azar, competições tanto físicas como intelectuais. Os participantes atua em prol do entretenimento de quem o assiste, levantando a questão de até que ponto são reais ou não, quando se fala deste intermediário, significa que pode haver uma mistura entre realidade e ficção, quem criam as regras são os fundadores, e o intuito destes espetáculos nem sempre são os mesmos, no caso dos de medo ou de sorte, são voltados mais para o entretenimento, para o divertimento do telespectador; para jogos corporais ou de inteligência, o competidor está querendo provar algo, que é o melhor pelo o que está jogando; e em casos de atuações, misturam um pouco da ficção, entretanto, com o espectador à par do que está ocorrendo.

O gênero situa para cada telespectador qual será o intuito do programa apresentado, e realiza uma promessa ontológica (JOST, 2004, p 18) onde procura investigar a realidade instituída através dele. Segundo Jost, há uma promessa de autenticidade em programas que constam como ao vivo em sua tela, influenciando a crença do telespectador de que o programa é incontestável.

Isto posto, as emissoras escolhem qual será a melhor opção e criam formas e estilos de programas baseadas nessas promessas. O público procura através dos gêneros se identificar com a promessa, ele quer se relacionar com o autor da obra e o que ele quer transmitir.

As emissoras, os programadores, os mediadores bem como os telespectadores comunicam-se porque eles se situam sobre um terreno comum constituído pelos mundos da televisão; eles conferem sentido aos gêneros televisuais (JOST, 2004, p 42).

A peculiaridade de gênero de cada programa é feita justamente para que se consiga distinguir a qual dos três mundos ela pertence. Entretanto, não necessariamente um programa se encaixa em um mundo só. Em *reality shows*, por exemplo, podemos ver os três mundos agindo, através dos seus participantes com

suas histórias reais, com um roteiro fechado para atuarem ao longo de um *show* (CASTRO, 2006).

No início do século XXI, a TV brasileira foi apresentada ao novo gênero que já era bastante consumido em outros países, os *reality shows*. Tivemos uma introdução de vários programas, mas o grande sucesso de audiência veio com o *reality* holandês, Big Brother, que teve a sua estreia no país em 2002.

Os *reality shows* misturam o lúdico com a realidade, sendo um dos gêneros mais assistidos em diversos países, independentemente do status social e econômico de quem o assiste.

Esse sucesso pode ser entendido pelo fato que o formato do *reality show* é uma mistura de gêneros em que se agregam as telenovelas, *talk shows*, programas de concurso, documentários, programas de confessionário e o jornalismo, inovando a forma de comunicação e despertando o interesse do público em algo novo, tendo em vista que esse formato mescla diversos gêneros já utilizados e previamente aprovados pela audiência (CASTRO, 2003). Esses elementos se tornam visíveis no decorrer do programa, sendo possível identificar a presença da narrativa seriada contada diariamente (presente em telenovelas), contendo um vencedor de uma competição (assim como programas de concurso), além da inclusão de notícias e entrevistas dentro do programa por parte de familiares e amigos do elenco e fora da competição por participantes eliminados da edição.

O *Big Brother* foi o primeiro programa do mundo a ser apresentado simultaneamente na televisão aberta e na internet, além de estar disponível 24 horas por dia em canais por assinatura (CASTRO, 2006, p. 29). Nesta circunstância, o *reality* também revolucionou a relação entre o telespectador e a televisão ao possibilitar a participação da audiência em diversificados meios, como o uso de telefones fixos e celulares para eliminar candidatos por meio de ligações e mensagens de texto, pela *internet* através de *chats*, *e-mails*, fóruns, *websites*, e pela televisão ao vivo enquanto os telespectadores aguardavam o resultado de votações e premiações.

Ao testar os limites da convivência humana, estes *shows* ao mesmo tempo que exibem experimentos sociais também buscam formas de lucrar, considerando que a produção é de baixíssimo custo, em vista de seus ganhos.

As pesquisas sociais feitas através de realities como o BBB vêm através das diversas possibilidades que programas como esse criam, com discursos dos mais

amplos, como foi observado nesses últimos anos, (homofobia, racismo, realidades distintas, entre outros) por ser um programa que reúne pessoas de diversas partes do país (às vezes até mesmo estrangeiros) com diferentes comportamentos.

Desta forma, ocorre a mistura entre realidade e ficção quando assistimos a um programa televisivo. Segundo Calvert e Casey (2008), o realismo faz-se a partir de um sistema de convenções de representação do mundo real. Tal reflexo pode ser constatado em telenovelas, as quais apresentam personagens regulares e enredos centrados em temáticas domésticas e pessoais, compondo experiências e soluções de problemas para seus personagens, por exemplo. Em noticiários e documentários, existem outros elementos a serem considerados, como a seleção do assunto, a forma que será filmado, as escolhas sobre onde as câmeras devem ser colocadas, sobre como o som é usado etc. Em conjunto a esses elementos, os realities tendem a usufruir de demais componentes:

O que é significativo sobre *reality shows* é a maneira pela qual ela utiliza novas tecnologias de mídia para transmitir uma sensação de autenticidade e imediatismo para os espectadores. Inversamente, quanto menor a qualidade da filmagem usada, mais "reais" as imagens e sons apresentados parecem ser. Assim, a câmera que oscila, a pobre iluminação, a distorção de som, enquadramento descentralizado e edição desarticulada muitas vezes podem operar como índices de autenticidade (CALVERT; CASEY, 2008, p 230).

Estes elementos podem ser identificados na seleção de melhores momentos da edição, em que há uma trilha sonora e afins, além da fabricação de personagens, como o herói, anti-herói e a mocinha. Um exemplo bem claro disto, foi a edição do Big Brother Brasil de 2021, em que houve inúmeros personagens que agradaram e desagradaram o público. Havia os heróis, e o embate direto entre a cantora Karol Conká e a mocinha da edição, Juliette Freire em que a vilã sai com o recorde de rejeição. Tornando a audiência uma parte significativa e mais participativa do programa, além de aumentar o sentimento do telespectador de que também pode fazer parte daquela história narrada através da tela.

Esse gênero possui um papel muito importante, quem participa está procurando não só o prêmio como também o reconhecimento e prestígio. Nos últimos anos, isto tem aumentado consideravelmente visto que a rentabilidade é exponencialmente maior através do reconhecimento do público para com o participante. Pessoas que antes eram anônimas, em sua grande maioria se tornam celebridades, conquistando diversas oportunidades.

2 CONCEITO DE RAÇA E IMPORTÂNCIA NA MÍDIA

Para entender a concepção de raça e racismo, é imprescindível entender o significado do multiculturalismo e sua atuação histórica dentro desse âmbito. Questões de multiculturalismo, colonialismo e raça devem ser debatidas de forma integrada, tendo em mente que comunidades, sociedades e nações não existem de modo autônomo e estão interligadas em uma teia densa de relações.

O conceito de multiculturalismo abrange tanto os estudos de políticas públicas como o estudo de uma variedade de culturas. Para Shohat e Stam (1994), o multiculturalismo, enquanto conceito, não possui uma essência, ele propõe um debate sobre as relações de poder e a noção de responsabilidade étnica e comunitária. Contudo, parte das discussões sobre multiculturalismo ainda possuem uma ausência de noção de responsabilidade étnica e comunitária. Tal ausência pode ser observada através de neoconservadores que acusam o multiculturalismo de dividir as pessoas e incentivá-las a se manterem em uma comunidade étnica completamente fechada, causando um movimento contrário à integração cultural. Esses, entretanto, ignoram o fato de que a própria distribuição desigual de poder é a principal causa de violência e separação, e o fato de que o multiculturalismo possibilita uma visão mais igualitária das relações sociais:

Ao recusar um discurso separatista, pretende-se integrar às comunidades minoritárias e desafiar a própria hierarquia que torna algumas comunidades “minoritárias” e outras “majoritárias” e “normativas” (SHOHAT; STAM, 1994, p 86).

Dessa forma, observa-se que o que os neoconservadores temem a respeito do multiculturalismo são os reagrupamentos intelectuais e políticos de diferentes minorias que podem se unir e lutar para formar nações intercomunais mais ativas.

A discriminação com a diversidade é um assunto muito discutido nas últimas décadas. Através de diferentes aspectos, vemos grupos minoritários sendo marginalizados e tratados como inferiores. O racismo é uma das expressões disso, embora nossa história mostre que desde o início, o mundo que conhecemos é uma mescla de culturas, conduzido por diversos povos.

2.1 A invenção do conceito de raça

A noção que criamos do conceito de raça se iniciou no século XVI. Com a mudança do feudalismo para o sistema burguês, o pensamento e a forma de viver do europeu também mudaram.

A descoberta de novas terras trazia consigo novos povos, com culturas e deuses diferentes, e desenvolveu a ideia eurocentrista de que tudo e todos que não pertencessem à Europa, que não seguissem o seu modelo de vida e principalmente que não tivesse a sua cor de pele clara, eram inferiores (ALMEIDA, 2019, p. 19-20). Foi-se aos poucos, procurando novas razões para se apropriar e ocupar terras, enraizando o preconceito como forma de destruir e apagar as histórias de suas vítimas que, até hoje, são as mais perseguidas (SHOHAT e STAM, 2006, p. 45).

Em várias regiões, como por exemplo, na Inglaterra, o racismo não se propagou apenas em função do colonialismo, mas pelo movimento escravagista que se revoltava com a abolição da escravidão e seu comércio (STOREY, 2015, p 337). O início do escravismo, entretanto, não ocorreu por conta do conceito de raças, mas sim por questão de honra, nas guerras que ocorriam quem perdesse possuía uma dívida eterna como recompensa por continuarem vivos, e deveriam pagar com a submissão, retribuída através de serviços domésticos. Com o colonialismo esse sentido foi se transformando, até incorporar todo o tipo de serviço, em especial, serviços braçais (SHOHAT e STAM, 2006, p.119).

Ao conhecerem as Américas não foi diferente, a região já era povoada há mais de 30 mil anos por milhares de pessoas que possuíam seu próprio sistema em desenvolvimento como sociedade, modelo de governo, hierarquia, seus próprios conhecimentos sobre a vida e a forma de ver o mundo, mas nada disso importava. O continente era, ainda assim, taxado como indigno e reconhecido como Novo Mundo, como se não existisse história antes disso. Estas novas terras eram retratadas e idealizadas como um paraíso, além de anunciadas como áreas desocupadas. Esse processo deu início à prática de extermínios aos povos nativos, tanto pelas doenças que os europeus traziam consigo, mas também pela exploração e aculturação promovidas (SHOHAT e STAM, 2006, p 94).

Conforme iam conquistando novos territórios, os países europeus foram alterando a forma como a história antiga era contada, criavam a sensação de que o mundo em que vivemos, surgiu com o Ocidente no centro de tudo. Para que pudessem de fato implementar a ideia de uma sociedade superior, deveriam apagar os feitos da humanidade anterior a eles. Era mais fácil, por exemplo, negar a

existência da civilização egípcia no antigo mundo como sociedade, exatamente por virem de um local que não favorecia aos europeus contar. Pior ainda que esta sociedade era preta e desfavorecia a ideia de que tentavam passar, esse motivo, inclusive, fez com que muitos historiadores nos séculos XIX e XX excluíssem-os da história.

No século XVIII, o início do iluminismo e seus ideais fomentou o debate filosófico que possuía o homem como objeto principal para pesquisa, ou seja, ele deixa de ser visto somente como um ser pensante, mas também como a principal fonte de conhecimento. As ideias iluministas traziam uma nova perspectiva que procurava evidenciar todos os aspectos humanos, desde biológicos até os econômicos.

Do ponto de vista intelectual, o iluminismo constituiu as ferramentas que tornaram possível a comparação e, posteriormente, a classificação, dos mais diferentes grupos humanos, a partir de características físicas e culturais (ALMEIDA, 2018, p. 20).

A partir destas discussões, foram criadas novas formas de categorizar os seres humanos que perduraram e se estenderam até o século seguinte. Essa nova forma de enxergar trazia o pensamento de que povos diferentes eram considerados selvagens e eles, em sua visão, civilizados. E diversos teóricos utilizavam essa distinção como forma de legitimar a visão excludente sobre o novo grupo.

Wieviorka (1998, p. 20) mostra como os colonizadores se utilizavam de características biológicas, culturais e naturais procurando através da ciência um meio de justificar a discriminação ao apresentar pessoas brancas como excepcionais.

Segundo Silvio Almeida, (2018, p. 21) no final do século XVIII, as coisas começaram a tomar um outro rumo. A Revolução Haitiana se apresentou após a Revolução Francesa como uma encruzilhada para os iluministas, que tanto prezavam pela liberdade e igualdade, trazendo à tona o embate: até onde, neste caso os franceses, iriam pela luta por igualdade. Isto foi importante para demonstrar que mesmo o povo haitiano conseguindo sua independência em 1804, teve uma amarga vitória, e presenciou de forma intensa, como era a desigualdade que tanto se abominava. Os haitianos sofreram as consequências por se atreverem a pensar em sair daquele sistema que os aprisionava: “os mesmos franceses que aplaudiram

a Revolução Francesa, viram a Revolução Haitiana com desconfiança e medo e impuseram toda a sorte de empecilhos para a ilha caribenha” (ALMEIDA, 2018, p.21). Notoriamente, a liberdade procurada pelos iluministas só era efetiva quando se realizava em prol de quem consideravam como superiores, os próprios colonizadores, deixando claro como, em sua visão, nem todos eram merecedores dela.

Diferentemente do que era relatado, até 1492, os povos africanos marchavam na mesma direção em crescimento e desenvolvimento que os europeus, naturalmente, sendo mais avançados em certas áreas, menos em outras. Os europeus e africanos realizavam entre si negociações e trocas a partir da abertura do Atlântico, além de que, praticavam técnicas desconhecidas em seus trabalhos, mas posteriormente seriam utilizadas por todos.

A África era detentora de uma economia variada e produtiva, possuindo fortes indústrias metalúrgicas e têxteis, responsável pelo desenvolvimento de técnicas de trabalho com ferro e fornalha que viriam a ser usadas na Europa somente anos depois. Nos primeiros anos de comércio atlântico, a Europa pouco tinha a oferecer para a África.

A “inferioridade” da África, portanto, foi uma invenção ideológica que exigiu o apagamento da consciência histórica ocidental do significado da Núbia para a formação do Egito, do Egito para o desenvolvimento da civilização grega, da África para a Roma imperial e, mais marcadamente, da influência do Islã sobre a história econômica, política, e intelectual da Europa (SHOHAT e STAM, 2018, p. 93).

O surgimento do orientalismo se deu exatamente por este motivo, o Oriente foi uma invenção moldada por europeus e norte-americanos, para que conseguissem direcionar a sua própria narrativa em procura de poder, foi a maneira encontrada de prosperar em cima da visão que haviam deturpado, a criação de um conto controverso, que agisse como um tipo de personalidade, algo a se temer. A forma como faziam estas histórias se propagarem retirava toda a contextualização e o motivo ao qual estariam invadindo e aculturando povos, através de fábulas que redigiram, que tomavam os colonizadores como descobridores, que surgiam como grandes salvadores em um local inóspito e sem cultura (STOREY, 2015, p. 343).

A partir do século XIX, com a ascensão do positivismo, o homem passou a ser o objeto principal na pesquisa não só de cunho filosófico, mas também científico.

Com a chegada da Longa Depressão em 1873, além do imperialismo, se iniciava um novo movimento: o neocolonialismo. A crise fez com que a briga por territórios realizada pelas potências europeias da época e pelos Estados Unidos, (sobre a África, Ásia e Oceania) se potencializasse.

Todos procuravam aumentar seus mercados, através de uma matéria-prima e mão de obra mais baratas, exploravam terras que não lhes pertenciam, desfrutando do argumento da inferioridade de seus povos como principal forma de comprovação de que não havia nada demais nas ocupações que assim faziam. Apontavam-se diferenças biológicas, ambientais e geográficas como pretexto para desvalorizar moralmente e intelectualmente os povos colonizados, retratando como violentos aqueles que vinham de terras tropicais e que possuíam a pele não-branca ou de origem indígena.

O critério racial se tornava a justificativa para o subdesenvolvimento econômico e político, teses que na época eram legitimadas, mas que hoje sabemos trata-se de racismo científico (ALMEIDA. 2018, p. 23). O racismo científico propõe, sob diversas variantes, uma pretensa demonstração da existência de raças, cujas características biológicas ou físicas corresponderiam às capacidades psicológicas e intelectuais, ao mesmo tempo coletivas e válidas para cada indivíduo (WIEVIORKA, 1998. p 23).

O racismo científico foi adquirindo novas formas e teorias que buscavam legitimar uma suposta superioridade dos colonizadores. O maior pavor dos racistas na época, era a miscigenação entre brancos e pretos, visto como sintoma de decadência. Era inconcebível para os colonizadores que os povos se misturassem. Eles procuravam através dessas teorias, hoje tomadas como pseudociência, todos os tipos de explicações que iam desde a craniometria até a genética (SHOHAT e STAM 2006, p.136).

Após o período da Segunda Guerra Mundial, conforme emergiram as descobertas das atrocidades cometidas pelo nazismo, uma série de questionamentos se dirigiram a essas teses, mas infelizmente, isso não foi o suficiente para que o racismo se esvaísse. Com a imigração de pessoas da África e Ásia para a Europa, era comum que os imigrantes encontrassem dificuldades em conseguir empregos. A grande maioria acabava indo trabalhar para indústrias ou então para serviços que exigissem uma mão de obra desqualificada, ocorrendo a sua exploração. A guerra só evidenciou ainda mais como o movimento racista era

completamente político e sem base científica, e isso se solidificou com o decorrer dos resultados do sequenciamento genético e pesquisas que trouxeram provas concretas que tal hegemonia não existia (WIEVIORKA, 1998, p. 25).

É inegável a herança racista que o colonialismo e a escravidão intensificaram, mesmo que em certo ponto os dois tenham se extinguido como políticas concretas, carregam consigo esse peso. Eles impediram que países colonizados e descolonizados prosperassem economicamente, facilitando a imposição de regimes democráticos em suas áreas enquanto esses nichos sofrem preconceitos ao adentrarem países considerados desenvolvidos. Na época da Guerra Fria, enquanto ocorriam as lutas anticoloniais, a ideia formada e concretizada na conferência de Bandung, era de que, todos os que não se encaixassem nos termos capitalistas (sendo as colônias, principais participantes deste grupo) ou então socialistas (neste caso, o Segundo Mundo) seriam os subdesenvolvidos e primitivos, o Terceiro Mundo como foi chamado, sequer relevava toda a exploração cativada tanto aos trabalhadores quanto à suas terras (SHOHAT e STAM, 2006, p.55).

A definição de Terceiro Mundo surge da discussão sobre colonialismo e racismo, pois o Terceiro Mundo é composto pelas nações e “minorias” colonizadas, neocolonizadas ou descolonizadas. O termo surgiu como resultado do vocabulário condescendente segundo o qual tais nações eram “atrasadas”, “subdesenvolvidas” e “primitivas”.

Ao observarmos minuciosamente, existem diversos contrapontos para essa divisão, os países em si não integram todas as partes que efetivamente os enquadram nessa configuração determinada. Eventualmente, esta teoria seria enfim refutada e substituída. Esse grupamento de diversos países que levava em consideração somente três categorias não abrangia toda a diversidade que estes representavam (SHOHAT e STAM, 2006, p.56).

2.2 Os diversos tipos de racismo

Preconceito e discriminação por mais que derivem de características parecidas, não possuem o mesmo significado. O preconceito racial surge quando se criam ideias e preceitos de um grupo; ele age de maneira velada através de estereótipos enraizados ou então acompanhados da exclusão. Já a discriminação racial, é a mudança de tratamento sofrida por indivíduos e que se dá exclusivamente

por conta do grupo que se inserem e pode ocorrer de duas formas: direta ou indireta.

Almeida (2018), autor do livro “O que é racismo estrutural” esclarece que a discriminação direta ocorre através da exclusão de indivíduos ou grupos motivados pela condição racial, exemplo que ocorre em países que proíbem a entrada de negros, judeus, muçulmanos, pessoas de origem árabe ou persa. Por outro lado, a forma de discriminação indireta é um processo em que a situação específica de grupos minoritários é ignorada, sem que se leve em consideração a existência de diferenças sociais significativas.

A consequência de práticas de discriminação direta e indireta ao longo do tempo leva à estratificação social, um fenômeno intergeracional, em que o percurso de vida de todos os membros de um grupo social - o que inclui as chances de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material- é afetado (ALMEIDA, 2018 p. 26).

Além da discriminação direta e indireta, existe a “discriminação positiva”, em que há a possibilidade de atribuição de tratamento diferenciado a grupos historicamente discriminados, com o objetivo de corrigir os erros e desvantagens cometidas pela discriminação negativa. Essa forma de discriminação é visível em políticas de ação afirmativa, que estabelecem tratamentos discriminatórios a fim de consertar ou compensar a desigualdade sofrida anteriormente.

É importante ressaltar que o racismo pode levar à segregação racial, e que não se resume a um ou vários atos discriminatórios, mas trata-se de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. (ALMEIDA, 2018, p. 27)

O autor classifica o racismo em três concepções: individualista, institucional e estrutural. Para classificar essas concepções, o autor considerou o racismo a partir de três dimensões: a subjetividade, o Estado e a economia.

A concepção individualista entende o racismo como um fenômeno psicológico de cunho individual. Dentro dessa concepção, existe uma “irracionalidade” do indivíduo racista a ser enfrentada no campo jurídico por meio de indenizações ou atuações penais. Neste cenário não existiriam sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas que agem isoladamente ou em grupos.

Por se tratar de um problema comportamental, o enfrentamento desse problema partiria de mudanças culturais, educação e conscientização sobre os

males do racismo. É necessário pontuar que a concepção individualista é frágil e limitada, e tem sido a base de estudos sobre o racismo carentes de história e reflexão sobre seus efeitos.

Ao contrário da concepção individualista, que remete o racismo a comportamentos individuais, a concepção institucional percebe o racismo como o resultado do funcionamento de instituições que promovem a segregação de grupos tendo a raça como critério central.

Essa concepção trata o poder como elemento central da relação racial. Nessa perspectiva, a estabilidade de sistemas sociais depende da capacidade das instituições de normalizar os conflitos pertencentes à vida social através do estabelecimento de normas e padrões que irão conduzir as ações dos indivíduos. É no interior das regras institucionais que os indivíduos se tornam sujeitos, visto que suas ações e seus comportamentos são inseridos em um conjunto de significados estabelecidos pela estrutura social (ALMEIDA, 2018, p 30).

Sendo assim, os conflitos raciais não têm origem em indivíduos ou grupos isolados, e sim partem de uma instituição hegemônica por determinados grupos raciais que, através de mecanismos institucionais, estabelecem seus interesses políticos e econômicos.

Conclui-se que no racismo institucional o domínio é estabelecido por parâmetros discriminatórios baseados na raça a fim de manter a hegemonia do grupo racial que já se encontra no poder. Assim, a cultura, aparência e práticas de poder de um grupo específico torna-se o horizonte civilizatório do conjunto de uma sociedade. Isso explica como o domínio de homens brancos em instituições públicas e privadas dificultam a ascensão de negros e/ou mulheres e ignora a discussão sobre desigualdade racial, naturalizando, assim, o sistema instituído de dominação. Por último, o autor apresenta a concepção estrutural, que prevê que estas instituições são racistas decorrente da sociedade em que pertencem.

Em resumo, o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, “do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional (ALMEIDA, 2018, p 38).

Se a sociedade em que estão inseridas, privilegiam um grupo racial, não é uma novidade criada por estas, e sim, reproduzida. A presença de pessoas negras e de outras minorias no debate não será o suficiente para acabar com o racismo

estrutural porque a sociedade em si é racista, e age como uma tradição passada por anos entre gerações. Para que haja mudança, é necessário transformar todos os âmbitos, seja ele político, econômico ou social, debatendo e evidenciando de maneira ativa para que nunca fique no esquecimento e ocorram de forma concreta, as mudanças necessárias.

De acordo com Almeida (2018, p. 37) é dever de uma instituição que realmente se preocupe com questões raciais investir na adoção de políticas internas que visem:

- a) promover a igualdade e a diversidade em suas relações internas e com o público externo - por exemplo, na publicidade;
- b) remover obstáculos para a ascensão de minorias em posições de direção e de prestígio na instituição;
- c) manter espaços permanentes para debates e eventual revisão de práticas institucionais;
- d) promover o acolhimento e possível composição de conflitos raciais e de gênero (ALMEIDA, 2018, p. 37).

Entender que o racismo é estrutural e não um ato isolado de um indivíduo ou grupo reforça que a sociedade como um todo é a principal responsável pelo combate ao racismo e aos racistas. Calar-se diante de um ato racista contribui para a persistência do racismo. Para combater esse crime, é necessário a tomada de posturas e ações de práticas antirracistas por parte da sociedade e das instituições.

2.3 Mídia e racismo

A mídia teve um papel decisivo para ditar como seria percebido o racismo em uma escala massiva. Ela pode ser vista como meio de disseminação e propagação de discursos preconceituosos (WIEVIORKA. 1998, p.117).

Wieviorka (1998, p.118) explica que nas Ciências Sociais, há duas formas de compreender a relação entre mídia e racismo. A primeira nega o seu envolvimento ou a ideia de que a mídia seria a causa do racismo: pressupõe-se que esta não possui uma autoridade concreta para intervir no assunto. É só casualmente que através de estereótipos poderia transmitir de forma não intencional conteúdos de conotação racista ou dar palco para pessoas alinhadas com este tipo de pensamento. Já na segunda perspectiva acredita-se que a mídia foi fundamental para a reprodução e disseminação do discurso racista e por livre-arbítrio, expandiu esta narrativa sem precisar de um representante para tal, além de possuir o controle da fala e ressignificar ou omitir o contexto completo dos fatos.

No cinema, essa divisão fica ainda mais clara. A distribuição majoritária de brancos no protagonismo é normalizada e não obedece à repartição numérica e racial da população. Storey (2015, p.358) interpreta essa dominação branca como atribuição de poder e enfatiza os conceitos de branquidade e negridade. O primeiro termo mencionado pelo autor consiste na crença de que pessoas brancas não possuem etnias, sendo simplesmente humanas. Dessa forma, a negridade é vista como um signo de etnia, enquanto a branquidade é, supostamente, apenas um signo humano.

Em termos de etnia e “raça”, muitos brancos se veem como neutros ou normais. Referem-se às origens étnicas de outras pessoas, enquanto as suas permanecem invisíveis e despercebidas. Ingleses brancos, ao verem os termos “moda étnica” e “comida étnica”, ficariam surpresos se fizessem moda ou comida inglesa. Não sendo considerados “raça”, tornam-se a raça humana (STOREY, 2015, p 360).

Por mais que o número de produções de outros continentes seja bastante numeroso, esse mercado é completamente ofuscado e deixado de lado pela visão Hollywoodiana, percebida como única fonte realística para o cinema. Shohat e Stam mostram como a visão Hollywoodiana se molda da mesma forma do eurocentrismo. Ela age como referência dominante em um mundo vasto de possibilidades e condena diversos outros universos cinematográficos como meras cópias ao demonstrarem interesse com produtos de suas próprias características. Mesmo *Hollywood* possuindo apenas uma pequena parte somada à totalidade de produções mundiais, filmes estrangeiros precisam triplicar seus esforços para conseguirem ser percebidos. O espectro imperial ressurgue nesta questão impondo novamente o ponto de vista em que certos locais operam como portador das mensagens e outros são feitos apenas para recebê-las (SHOHAT e STAM, 2006, p.61).

É comum vermos tanto em livros quanto em filmes, uma outra representação de figuras emblemáticas. A representação de muitos livros e filmes refletem a visão antiga que alguns ainda têm a respeito das invasões nos continentes. Cristóvão Colombo é um grande exemplo disto, com o foco central sempre nele, era tido como um homem inteligente, astuto e religioso, que chegou em terras até então desconhecidas e proporcionou o seu conhecimento não para explorar, mas para melhorar as terras que havia encontrado, ao invés, de termos a realidade de um homem ganancioso que possuía laços com escravidão e ajudou no massacre de diversos nativos americanos. No cinema, podemos observar que os personagens

que o representam passam a premissa de um herói, uma pessoa justa, que nada mais queria a não ser ensinar seus nativos. Com isso legitimam a narrativa contada e moldam a história para que o único relato vigente seja o dominante (SHOHAT e STAM. 2006, p.100).

A representação do Oriente ocorreu quase da mesma forma. Nelas, os criminosos, vilões das histórias possuíam culpa maior pelo que lhes acontecia. A visão Hollywoodiana ajudou imensamente a fixação destas imagens após a guerra do Vietnã. Os vietnamitas ganharam a guerra, mas perderam o controle da narrativa e começaram a ser tratados como marginais, tanto nos ensinamentos cinematográficos, quanto nas próprias escolas. Perpetuava-se a noção de que são pessoas a quem se deve temer, como se a guerra fosse culpa deles próprios e os Estados Unidos não tivesse nenhuma relação com isto (STOREY, 2015, p.345).

2.4 Representação: conceito necessário para a igualdade racial

Representação, cultura e linguagem são categorias fundamentais para entender a sociedade. Antes de iniciar a discussão sobre a relevância da representação no contexto racial, é necessário considerar que a representação significa utilizar a linguagem para expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas. Além disso, a representação é uma parte essencial do processo pelo qual significados são produzidos e compartilhados entre pessoas da mesma cultura.

I - Representar algo é descrevê-lo ou retratá-lo, trazê-lo à tona na mente por meio da descrição, modelo ou imaginação; produzir uma semelhança de algo na nossa mente ou em nossos sentidos. Como, por exemplo, na frase: "Este quadro representa o assassinato de Abel por Claim."

II - Representar também significa simbolizar alguma coisa, pôr-se no seu lugar ou dela ser uma amostra ou um substituto. Como na frase "No cristianismo, a cruz representa o sofrimento e a crucificação de Cristo." (HALL, 2016, p. 33).

Nesse sentido, o autor toma a representação como a produção e circulação de sentido por meio da linguagem. Ao compreender o estudo da representação racial, é possível identificar quando a população negra sofre a ausência de representação junto à mídia, carregando consigo a exclusão social, ou quando ela é representada a partir de uma série de estigmas e preconceitos frutos de um legado escravocrata.

Stuart Hall (2016, p 162) fundamenta que a variedade de imagens expostas na cultura popular e na mídia de massa, como é o caso de imagens da publicidade comercial e ilustrações de revistas que utilizam estereótipos raciais datadas do período da escravidão, são objetos cruciais para demarcar a diferença racial e a estereotipagem.

O progresso dos grandes exploradores e aventureiros brancos, bem como os encontros com o exótico negro africano, foram cartografados, registrados e descritos em mapas e desenhos, em gravuras e (especialmente) por meio da nova fotografia, em ilustrações e histórias jornalísticas, diários (...) A publicidade foi uma das formas pela qual o projeto imperial ganhou forma visual em um meio popular, forjando a ligação entre o Império Britânico e a imaginação nacional (HALL, 2016, p. 162).

É relevante reforçar que atualmente a presença e, portanto, a representação de pessoas negras na mídia ainda é desigual e inferior à presença de pessoas brancas. Ainda que algumas marcas e transmissoras busquem balancear as representações negras e brancas com o intuito de ser mais “realista”, dificilmente vemos um protagonista negro nas telenovelas. É comum vermos a representação do negro em papéis secundários e de submissão. O negro normalmente está servindo alguém ou sendo mandado. Assim, tais atribuições caracterizam situações de inferioridade em relação ao branco (ACEVEDO, NOHARA, 2008, p. 133).

Nesse contexto, é fundamental refletir sobre o funcionamento real do regime de representação, o qual envolve um conjunto de práticas representacionais conhecidas como estereotipagem. Hall (2016) argumenta que um estereótipo se apossa das poucas características “simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” (2016, p. 191) de uma pessoa e a reduz a esses traços. A estereotipagem é uma prática de fechamento e exclusão, que estabelece uma fronteira simbólica entre o aceitável e o inaceitável e dita a existência de traços normais e anormais. Ainda, ela tende a acontecer em situações de desigualdade de poder afetando um grupo subordinado ou excluído.

Apresentado os pontos acima, vale questionar nessa discussão se é factível contestar ou modificar um regime dominante de representação, uma vez que seus estereótipos e significados vêm sendo reproduzidos por várias décadas. Para Stuart Hall, um significado nunca poderá ser fixado. Novos significados são enxertados nos antigos, permitindo a ressignificação e construção de novos significados através da prática de transcodificação, a tomada de um significado existente e sua colagem em

um novo significado. As estratégias de transcodificação entraram em evidência em 1960, momento em que discussões de representação e poder adquiriram relevância na política contra o racismo e em outros movimentos sociais (HALL, 2016).

Entre diversas estratégias de transcodificação, destacam-se três estratégias essenciais para a contestação do regime racionalizado: A inversão de estereótipos, realizada inicialmente através de uma série de filmes em que os diretores valorizam positivamente as características de pessoas negras e as colocam em papéis de heróis e de sucesso; A tentativa de substituição de imagens negativas por várias imagens positivas de pessoas negras e sua cultura, com o objetivo de corrigir o equilíbrio e prover a aceitação à diferença; E por fim, a estratégia através do olhar da representação, que consiste em contestar as complexidades e ambivalências da representação em si:

Em vez de evitar o corpo do negro, por estar ele tão absorvido pelas complexidades de poder e subordinação dentro da representação, essas estratégias o tomam positivamente, como o principal local de suas estratégias representacionais, tentando fazer com que os estereótipos operem contra eles próprios (HALL, 2016, p. 219).

Em suma, programas audiovisuais e canais de comunicação têm sido de extrema importância para contestar estereótipos e regimes racializados enraizados na história da sociedade. A representação possui um papel fundamental na reprodução ou alteração de significados precedentes em uma sociedade racista. Em vista disso, esse trabalho visa analisar e compreender as repercussões de eventos considerados racistas pelo público e pela mídia na 21ª edição do Big Brother Brasil.

3 O RACISMO TELEVISIONADO NO BBB 21

O Big Brother Brasil se tornou um programa relevante para levantar e debater temas sociais enfrentados por grupos minoritários. O programa, televisionado diariamente ao vivo por 24h durante três meses, possibilita a visualização sem edições e sem filtros dos acontecimentos da casa. Tais eventos dentro do programa repercutem rapidamente na esfera social, especialmente nas redes sociais online.

No terceiro capítulo, será observado como um acontecimento midiático possibilita observar a percepção do público diante de um caso de racismo na 21ª edição do Big Brother Brasil. Para isso, é necessário primeiramente entender sobre o histórico e as dinâmicas presentes na edição mencionada. Em seguida, serão analisados comentários publicados nas redes sociais sobre o ocorrido, com o intuito de compreender a resposta do público e suas repercussões sobre o tema.

3.1 A EDIÇÃO DO CANCELAMENTO

Para compreender o caso analisado no programa, é necessário passar por um breve contexto sobre a vigésima primeira edição do Big Brother Brasil e expor o motivo pelo qual a edição foi tão relevante para debates raciais.

A temporada iniciou no dia 25 de janeiro de 2021, sendo apresentada por Tiago Leifert e transmitida nacionalmente pela Rede Globo. O programa seguiu o mesmo modelo da edição anterior: a casa seria dividida entre pessoas anônimas (nomeadas como “pipoca”) e pessoas públicas (nomeadas como “camarote”). A edição continha quase metade de seu elenco composto por pessoas pretas ou pardas⁸. Tratava-se de um novo marco: era o maior número de participantes não brancos desde que o programa foi ao ar.

FIGURA 1 - PARTICIPANTES DA 21ª EDIÇÃO DO BIG BROTHER BRASIL.

⁸Disponível

em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/01/4902470-bbb-21-e-o-reality-show-brasileiro-com-maior-numero-de-participantes-negros.html>



FONTE: MELO, Geovana. BBB 21 é o *reality show* brasileiro com maior número de participantes negros. Correio Braziliense, 2021. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/01/4902470-bbb-21-e-o-reality-show-brasileiro-com-maior-numero-de-participantes-negros.html>>. Acesso em: 10/01/2023.

Três dias após a primeira transmissão da edição, na festa de *Réveillon*, ocorreu o primeiro conflito do programa, entre os participantes Kerline (Pipoca) e Lucas Penteado (Camarote). O desentendimento foi motivado por um “fora” que Kerline deu em Penteado. Na situação, Lucas abordou diversas mulheres durante a festa com o propósito de unir casais entre os participantes. Na vez de Kerline, a *sister* respondeu “e se eu quiser ficar com o cupido?” que foi interpretada como um flerte para o participante. Após uma conversa reservada entre os dois, foi esclarecido que na verdade, Kerline não tinha interesse em seu colega de confinamento, fazendo com que o autor da pergunta se sentisse enganado. A discussão ganhou contornos mais amplos quando Lucas Penteado trouxe à conversa a pauta do racismo, expondo que se sentiu oprimido por nunca ter ficado com uma mulher branca.

FIGURA 2 - IMAGEM DA POSTAGEM FEITA PELA CONTA OFICIAL DO ATOR E MC, EM 2021.



Lucas Penteado ✓

@lucaspenteado

...

5 - A dor do Lucas como um menino negro é essa, o racismo que as vezes é a hipersexualização, as vezes a indiferença do corpo negro. Ele repetiu diversas vezes na casa, que nunca foi visto por uma mulher branca. A atitude da Kerline o fez se sentir assim. Mexeu com as feridas!



FONTE: TWITTER @lucaspenteado, 2021. Disponível em: <<https://twitter.com/lucaspenteado/status/1354812054159257612?s=20>> Acesso em: 10/01/2023.

No dia seguinte, Kerline foi conversar sobre o acontecimento com Karol Conká (Camarote) e Camilla de Lucas (Camarote). As participantes, ambas mulheres negras, explicaram qual foi o sentimento de Lucas Penteado ao ser enganado por uma mulher branca.

O acontecimento, logo na primeira semana do jogo, norteou os rumos que a edição tomaria. Deste modo, existe o medo dos participantes em relação ao cancelamento, termo que se originou em situações que artistas ou pessoas comuns se manifestaram mal ou tiveram posicionamentos discriminatórios e acabaram sofrendo linchamento virtual, trazendo consequências negativas para a vida pessoal e digital. Além do cancelamento, o racismo e a discriminação se tornaram temas importantes na edição.

O cancelamento tornou-se um tópico relevante para o *reality*, ocasionando em um dos participantes do camarote, Fiuk, fazer aulas sobre feminismo antes de entrar

no programa⁹ para munir-se nas discussões de gênero que eventualmente apareceriam durante os meses de confinamento. Ainda no começo da temporada, o temor dos participantes em ser “cancelado” foi perceptível quando mais uma pauta social foi levantada. Dessa vez, questões relacionadas a transfobia e violência de gênero se tornaram o tema da discussão na casa quando participantes homens cisgêneros usaram maquiagem e fizeram gestos femininos para as câmeras.

As redes sociais permitiam e permitem que as pessoas possuam voz e recebam de imediato o respaldo e suporte de mais pessoas, sejam outras vítimas para compartilhar daquela dor e ajudar a enfrentar aquela questão, ou até mesmo para compartilhar aquilo até que aquela voz seja escutada pelo maior número de pessoas, provocando alguma mudança ou mesmo, levando aquelas acusações à justiça. (SILVA, 2021, p 95)

Vale destacar outros aspectos significativos que marcaram a 21^a edição, como a influência e impacto dos comportamentos da *rapper*, cantora e apresentadora Karol Conká, envolvendo, principalmente, o participante Lucas Penteadado. A participante do camarote, taxada como a vilã da 21^a edição, foi eliminada do programa com recorde mundial de rejeição do público: 99,17% dos votos. Karol, em menos de um mês, envolveu-se em desentendimentos com outros participantes: Implicou com o sotaque de Juliette, brigou com Acrebiano e Carla Diaz, e, a partir das provocações e ameaças a Lucas Penteadado, foi acusada pelos telespectadores de praticar tortura psicológica.

A repercussão dos posicionamentos de Karol e o impacto negativo que a cantora recebeu nas redes sociais levantou um novo debate em relação ao repúdio expressivo dos fãs do programa e aos insultos que ela sofreu em todo o país.

FIGURA 3 - CAPTURA DE TELA DE PUBLICAÇÃO NO TWITTER REFERENTE A ELIMINAÇÃO DE KAROL CONKÁ.

⁹Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/02/02/por-que-bbb21-se-tornou-edicao-do-medo-de-cancelamento.ghtml> Acesso em: 10/01/2023.



Ana Flor 
@Tdeinvesti

...

Pode DETESTAR Karol Conká. Pode não aguentar vê-la.

Só não podemos dizer que o fato dela ser uma mulher negra não interfere na reação do público sobre o ódio contra ela. Interfere.

Porque quando uma mulher branca foi ABERTAMENTE racista no BBB, ela ganhou o prêmio.

9:08 PM · 23 de fev de 2021

2.190 Retweets 432 Tweets com comentário 11,8 mil Curtidas

FONTE: TWITTER. Disponível em:
<<https://twitter.com/Tdeinvesti/status/1364366535687610371>> Acesso em: 17/01/2023.

A discussão racial entrou em pauta quando telespectadores compararam a repercussão dos comportamentos ofensivos de uma mulher negra aos comportamentos ofensivos de uma mulher branca.

Tais comparações estão relacionadas com os episódios de racismo e intolerância religiosa praticados pela participante e campeã do Big Brother Brasil 19, Paula von Sperling. A ex-BBB, ao contar a história de uma amiga que teria sido esfaqueada, referiu-se à aparência do autor do crime em uma fala discriminativa, alegando que imaginava que o autor do crime seria “faveladão” e teria ficado surpresa ao ver que o criminoso era “branquinho” e que havia morado em outro país¹⁰, reforçando o pensamento de que a identidade negra normalmente é associada a aspectos negativos e marginalizados, enquanto a identidade branca sempre é vista como o herói.

Apesar das falas discriminatórias, Paula foi escolhida pelo público do programa para ser campeã do Big Brother Brasil em 2019.

¹⁰

Disponível em:
<https://www.estadao.com.br/emails/tv/paula-e-a-campea-do-bbb-19-relembre-polemicas-da-participante/> Acesso em: 17/01/2023.

Apresentados os eventos acima e a repercussão dos temas sociais expostos no programa, podemos concluir que o Big Brother Brasil se transformou em um palco de discussão de questões sociais relevantes para o entendimento da realidade social brasileira.

3.2 ANÁLISE DO ACONTECIMENTO ENVOLVENDO O CABELO DE JOÃO PEDROSA

No dia 5 de abril de 2021, durante a transmissão ao vivo do programa para milhões de brasileiros, o participante João Luiz Pedrosa expôs ter se sentido ofendido por Rodolfo Matthaus quando teve comparado seu penteado afro com a peruca de uma fantasia de homens das cavernas. Após o desabafo de João, Rodolfo reafirmou que a peruca era semelhante ao cabelo do participante, e que não havia a intenção de magoá-lo. Com a fala de Rodolfo, João reforçou estar cansado de ouvir frases como a de seu colega de confinamento, e que seria muito mais fácil se ele reconhecesse que errou.

O acontecimento gerou rápida repercussão nas redes digitais, fazendo com que os termos “João” e “Rodolfo”, respectivamente, fossem as palavras mais mencionadas no Twitter¹¹. Além dos nomes dos envolvidos, termos como “racismo” e “reafirmou” também apareceram entre as palavras mais utilizadas pelos usuários da plataforma naquele período. A psicóloga Maria Lúcia da Silva demonstra o efeito dessas representações para o negro:

Para muitos negros, o fato de ser negro é vivido com muita dificuldade, já que foram introjetadas imagens negativas, produzidas pelo poder discriminatório, veiculadas pelos discursos acerca do que “é” ser negro. Torna-se muito difícil conviver com um corpo tido como feio, um cabelo por definição “ruim”, os lábios denominados beijos etc. (SILVA, 2019, p. 77).

FIGURA 4 - IMAGEM DE JOÃO PEDROSA E FANTASIA DE RODOLFFO

¹¹ Disponível em: <https://getdaytrends.com/pt/brazil/2021-04-06/4/>



FONTE: G1 RIO DE JANEIRO, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/04/06/policia-apura-crime-de-preconceito-racial-em-fala-de-rodolfo-sobre-o-cabelo-de-joao-no-bbb.ghtml>> Acesso em: 18/01/2023.

Para compreender melhor o acontecimento, é necessário entender o formato do programa, tendo em vista que o ocorrido foi durante uma dinâmica denominada “Jogo da Discórdia”. O jogo, transmitido ao vivo pela Rede Globo todas às segundas-feiras, tem como objetivo movimentar o programa gerando conflitos e acusações negativas e positivas entre os participantes. O esquema do jogo varia semanalmente, porém o intuito se mantém. No Jogo da Discórdia em que a questão racial foi levantada, os jogadores deviam fincar três flechas em imagens que representavam os participantes, apontando quem é o “melhor jogador”, quem é o “pior jogador”, e por último, quem está “jogando sujo”.

A fantasia de Rodolfo originou-se de outra dinâmica, chamada de “Castigo do Monstro”, concedida pelo vencedor da “Prova do Anjo”. Para definir o anjo da semana, os participantes devem jogar entre si jogos de lógica ou de sorte. A dupla, ou pessoa vencedora, leva o privilégio de imunizar um brother do paredão, ver imagens e vídeos da família, almoçar uma refeição diferente, e castigar uma dupla que tenha menos afinidade por meio do castigo do monstro.

Na décima semana do Big Brother Brasil 21, Gilberto Nogueira e Fiuk venceram a prova do anjo e escolheram em consenso os participantes Caio Afiune e

Rodolfo Matthaus para cumprir o castigo do monstro. O castigo tinha como tema “Monstro Idade da Pedra”. Os castigados deveriam vestir trajes caracterizados como no tempo das cavernas, e, ao ouvir um sinal sonoro, deveriam ficar em pé em uma plataforma na parte externa da casa e permanecer lá até o som parar. A fantasia possuía uma essência exagerada e caricaturesca, possuindo uma peruca com cachos desgrenhados e objetos representando ossos enrolados entre algumas mechas de cabelo.

O conflito iniciou no dia 03/04/2021, quando Caio e Rodolfo foram vestir as fantasias do castigo do monstro no quarto “Cordel Encantado”, em tom de brincadeira, com o auxílio de Juliette Freire e João Pedrosa. Ao colocar a peruca, Rodolfo comentou “Bastião, você ficou bacana, você estava precisando de cabelo aí, ó. ‘Nós tá’ com cabelo quase igual ‘o’ do João.” João, enquanto passa a mão na peruca de Caio, inicia a frase, “Mas é horrível quando vocês...” porém é interrompido por Juliette, que complementa “Um *black power*”. Na sequência, João rebate: “Não, não é. É diferente”. Juliette, para se retratar, complementa: “Não, não é. Mas se estivesse curto e bem feitinho, aparado, e muito arrumado”. Rodolfo e Caio permanecem brincando com a fantasia e seguem em direção ao gramado da casa. Mais tarde, naquele mesmo dia, João encontrou sua amiga mais próxima na casa, Camilla de Lucas, para desabafar sobre o ocorrido:

Não, é que eu fiquei muito desconfortável hoje. Uma hora ali no quarto, e eu não consegui falar o que eu estava sentindo na hora, porque eu fiquei muito assustado, assim. Eu estava ajudando os meninos a colocar a roupa do monstro, e, na hora de colocar peruca, o Rodolfo falou assim: ‘Nossa, meu cabelo tá igualzinho o do João. Aí eu fiquei tipo... Mas eu fiquei muito desconfortável e eu acho que eu não consegui, tipo, falar porque eu não achei legal, sabe?! Eu acho que ele nem percebeu que eu não achei legal, foi muito chato, sabe? Porque eu fiquei pensando, tipo, cara, eu não sou homem das cavernas só porque meu cabelo é desse jeito, entendeu? (REDE GLOBO, Big Brother Brasil. Fala do participante João Luiz Pedrosa, exibido em 03/03/2021. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9408906/>. Acesso em: 20/01/2023)

Neste momento, Camilla, uma mulher preta, compartilha com João a falta de reação ao lidar com uma situação de racismo e afirma que está sempre preparada para responder ataques discriminatórios: “Quando acontece essas coisas, a gente às vezes se programa tipo assim: ‘Ah, se alguém falar do meu cabelo...’ João complementa: “Eu vou falar isso, isso e isso...”. Camila continua “Da minha cor...” Por fim, João desabafa: “Entendeu? Na hora que aconteceu eu fui para um lugar na

minha cabeça que eu não imaginei que eu precisaria acessar, entendeu?! E, ao mesmo tempo, eu não quero estar nesse lugar de ficar toda hora corrigindo.” Camilla concorda e reforça que sabe como é a sensação de seu amigo.

Os dois amigos se abraçam e discutem sobre a posição de ter que estar corrigindo o racismo dos outros. João se emociona e expõe seu sentimento em relação às dores do racismo:

Mas, às vezes, eu acho que eu não preciso ficar corrigindo as pessoas, sabe?! As pessoas precisam perceber que isso é errado, não sou eu quem que tá falando, que saco! Entendeu? É que eu não queria passar por isso aqui, entendeu? E nem de ficar tipo sendo o ‘chatão’ que fica falando, não é chato, entendeu? É uma coisa que eu senti, entendeu? E aí não, não foi legal, não foi legal, eu não quero ficar nesse lugar de correção, porque as pessoas precisam aprender. (REDE GLOBO, Big Brother Brasil. Fala do participante João Luiz Pedrosa, exibido em 03/04/2021. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9408906/>. Acesso em: 20/01/2023).

Ao finalizar a conversa, a dupla compartilha o sofrimento em ser discriminado e as dores que esses comportamentos causam. Por fim, Camilla conforta o amigo dizendo o quanto o cabelo dele é bonito. Mais tarde nessa mesma semana, durante a tradicional festa de sábado, a convidada e atração do *show*, Ludmilla, falou em sua apresentação “Respeita o nosso cabelo”. O comentário da cantora gerou grande repercussão nas redes sociais, sendo assimilado ao ocorrido com João e Rodolfo.

O assunto voltou à tona na segunda-feira (05/04/2021), no Jogo da Discórdia conduzido pelo apresentador Tiago Leifert. Durante o jogo, na vez de João Pedrosa definir quem era “o melhor jogador”, “o pior jogador” e o “joga sujo”, o participante decidiu tornar público seu sentimento em relação ao comportamento do camarote Rodolfo. Ao alfinetar a flecha de “joga sujo” para a caricatura de Rodolfo, Pedrosa afirmou:

O meu joga sujo vai para o Rodolfo. E muita gente aqui pode não saber, mas no sábado aconteceu uma situação no quarto cordel que estava eu, Caio, Rodolfo e Juliette. E eu tô dizendo isso aqui agora porque para mim é um momento de muita coragem, de poder estar falando sobre isso aqui agora. Mas o Rodolfo chegou a fazer uma piada comparando uma peruca do monstro da pré-história com meu cabelo, então isso, para mim, tocou no ponto muito específico, porque o jogo ele pode ser sim, de coisas que a gente vive aqui dentro, mas ele também tem que ser um jogo de respeito, e eu daria mais quatro flechas daquela (REDE GLOBO, Big Brother Brasil. Fala do participante João Luiz Pedrosa, exibido em 5 de abril de 2021. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9412618/>. Acesso em: 20/01/23.)

Assim que João Pedrosa voltou a seu assento, Tiago Leifert deu a oportunidade para Rodolfo se defender. O sertanejo reafirmou o que tinha dito dias atrás, dessa vez ao vivo para todo o país: “Cara... se todo mundo observou como era a peruca do monstro, acredito eu que é um pouco semelhante, e não tem nada a ver isso”. João retruca emocionado: “Não, não é. Àquela hora lá no quarto, Rodolfo, eu me calei, eu fiquei calado lá dentro, eu não falei nada, mas você não sabe o quanto ‘que’ aquilo que você falou me machucou, me machucou muito”. Rodolfo demonstra uma naturalização da situação, e acrescenta “Cara do céu... não foi pra doer não”. Neste momento, Pedrosa retoma o assunto que havia conversado poucos dias antes com Camilla, afirmando que “nunca ninguém tem a intenção de machucar” e questionou o autor da ofensa sobre reconhecer o erro:

Mas então, é aí que você não tá entendendo. Por que que não é mais fácil para você reconhecer que você errou, cara? Você fala para mim que é semelhante, você acabou de afirmar, você tá reafirmando a mesma coisa que você falou. Eu não sou, eu não tô no desenho animado, não sou a Pedrita para ficar usando peruca de pré-história. Tem osso no meu cabelo? Não tem não, irmão. Você não sabe, você pode não sentir, mas eu sinto isso aqui desde o dia que eu nasci, velho. (REDE GLOBO, Big Brother Brasil. Fala do participante João Luiz Pedrosa, exibido em 5 de abril de 2021. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9412618/>. Acesso em: 20/01/23.)

Para Schwarcz (2012), é sempre mais fácil atribuir ao “outro” do que assumir o racismo:

Ninguém nega que exista racismo no Brasil, mas sua prática é sempre atribuída a “outro”. Seja da parte de quem age de maneira preconceituosa, seja daquela de quem sofre com o preconceito, o difícil é admitir a discriminação e não o ato de discriminar (SCHWARCZ, 2012, p. 25)

Após o desabafo de João, a participante do camarote, Pocah, interfere: “O mínimo era pedir desculpa, o mínimo”. Rodolfo persiste: “Desculpa, mas é que eu só fui saber disso agora.” Pocah complementa: “Não, mas agora você já está sabendo, você está tendo a oportunidade de se desculpar”. Enquanto o sertanejo se desculpa, João chora e é acolhido por seus colegas de confinamento e o programa vai para o intervalo.

Com a continuação da dinâmica, Camilla de Lucas aproveita o seu momento no “jogo da discórdia” para expressar como se sentiu. Vale ressaltar que Camilla é uma mulher negra, *digital influencer* e já abordou temas raciais em seu canal no Youtube, como “TESTEI a BASE da BOCA ROSA BEAUTY em PELE NEGRA! |

CANSEI!” e “EU NÃO ACREDITO NISSO RUBY ROSE! | E AS NEGRAS?” ambos com milhões de visualizações. Camilla expôs, também ao vivo:

O cabelo do João não é o mesmo daquela peruca. Isso me fez muito mal. Hoje eu uso peruca porque eu quero voltar com o meu cabelo natural que é igual ao do João. Então isso que você fez com ele me deixou mal. E o que cansa a gente não é essa coisa de você não saber o que é, é porque as justificativas sempre são essas e eu realmente entendo que talvez você não tenha falado para magoar... (REDE GLOBO, Big Brother Brasil. Fala da participante Camilla de Lucas, exibido em 5 de abril de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=76r87tNi7hA&t=193s&ab_channel=BigBrotherBrasil. Acesso em: 20/01/23.)

Entretanto, Rodolfo interrompeu a fala de Camilla buscando amenizar a situação: “Camilla, o cabelo do meu pai é igualzinho ao do João. Se fosse para machucar, eu queria machucar o meu pai?”. Camilla rebate informando que o participante é uma pessoa jovem com acesso à informação. Ainda, o sertanejo replica: “Se falar do meu cabelo, que não é dos mais bonitos, eu não vou apelar. Eu só ‘tô’ de boné aqui no programa”. Cansada da discussão, a participante afirma que a comparação feita por Rodolfo é diferente, e que na sociedade o cabelo dele não é julgado como um cabelo crespo, e finaliza com uma dica para os participantes e para o público: “Pesquisem. Porque estou cansada, estamos cansadas de toda vez a gente ter que explicar sobre o nosso tom de pele e sobre o nosso cabelo. Eu entendo que você possa não ter feito por mal, mas a gente também está cansado do outro lado de ter que ouvir que não foi intenção”.

O fato dos participantes Caio e Rodolfo não assimilarem a piada que fizeram como uma ofensa contribui para a naturalização do racismo, como explica Silvio Almeida:

O fato de parte expressiva da sociedade considerar ofensas raciais como “piada”, como parte de um suposto espírito irreverente que grassa na cultura popular em virtude da democracia racial, é o tipo de argumento necessário para que o judiciário e o sistema de justiça em geral resista em reconhecer casos de racismo, e que se considerem racialmente neutros. (ALMEIDA, 2018, p. 59)

No dia seguinte ao Jogo da Discórdia, na terça-feira, Rodolfo Matthaus foi eliminado com 50,48% dos votos do público. Antes de anunciar o eliminado da semana, o apresentador, Tiago Leifert usou o espaço para retornar ao assunto protagonizado por João Pedrosa e Rodolfo:

Hoje eu vou desligar o modo apresentador um pouco, da pausa no jogo. E falar como fã de vocês, como a pessoa que tem o privilégio de ser a única pessoa, único ser humano que fala com vocês durante toda a temporada. E eu queria falar com o meu amigo Rodolfo. (REDE GLOBO, Big Brother Brasil. Fala do apresentador Tiago Leifert, exibido em 6 de abril de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=76r87tNi7hA&t=193s&ab_channel=BigBrotherBrasil. Acesso em: 21/01/2023)

O apresentador, agora falando diretamente com Rodolfo, confessa que ficou preocupado com a maneira em como o participante agiu quando soube dos sentimentos do João em relação a ofensa racial que sofreu. Leifert se reconhece e se coloca na posição de homem branco, pede para que João e Camilla o interrompam se necessário, e continua sua fala enquanto Camilla chora:

Vi sua defesa, Bastião. E quando eu era mais novo no colégio, também brincavam com o meu cabelo. Pela textura do meu cabelo, porque o meu cabelo não é liso. As outras crianças lixavam o dedo assim brincando que era o cabelo de lixa, escondiam lápis no meu cabelo e tal, mas isso nunca fez a menor diferença pra mim, porque o meu cabelo, pra mim, assim como pra você pelo o que você estava falando, é um negócio que está espetado no meu crânio aqui e não faz a menor diferença na minha vida, eu não tô nem aí para o meu penteado. (REDE GLOBO, Big Brother Brasil. Fala do apresentador Tiago Leifert, exibido em 6 de abril de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=76r87tNi7hA&t=193s&ab_channel=BigBrotherBrasil. Acesso em: 21/01/2023)

Tiago procede sua fala e explica que o *Black Power*, cabelo de João, é mais do que um simples penteado, é um símbolo de luta e de resistência. Explica que os pretos norte-americanos usaram o *Black Power* como símbolo antirracista, e o vestiam para mostrar para as pessoas que eles se aceitavam e se amavam. “Até pouquíssimo tempo atrás, pessoas como o João e a Cami, lá nos Estados Unidos, o país mais livre do mundo, tinha que levantar do ônibus para um branco sentar”, complementa o apresentador. Tiago finaliza o discurso explicando para Rodolfo e para o público o motivo pelo qual o comentário de Rodolfo foi tão doloroso para pessoas não brancas, e o quanto essa dor é legítima. Na sequência, complementa sobre a repercussão que seu posicionamento pode causar nas redes sociais:

Nesse momento, eu devo estar sendo trucidado na internet, bicho. Porque chega em um momento aqui, e é por isso que eu me afastei de várias redes sociais, que ou você bota fogo no Rodolfo, ou você acha o João é vitimista e eu não consigo ser nem uma coisa, nem outra. Eu não vejo maldade no que você fez, e, ao mesmo tempo, legítima a dor do João, porque tem milhares de meninos e meninas pretos e pretas que sentem a dor que o João sentiu. (REDE GLOBO, Big Brother Brasil. Fala do apresentador Tiago

Leifert, exibido em 6 de abril de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=76r87tNi7hA&t=193s&ab_channel=BigBrotherBrasil. Acesso em: 21/01/2023)

Leifert faz um apelo para o público se informar através de filmes e vídeos, e reforça o que João e Camilla haviam conversado anteriormente, avisando que essas pessoas estão cansadas de ensinar e estão no direito deles. Ribeiro (2019), ensina em seu manual antirracista, que para combater o racismo, devemos reconhecê-lo e questioná-lo:

O que, de fato, cada um de nós tem feito e pode fazer pela luta antirracista? O autoquestionamento — fazer perguntas, entender seu lugar e duvidar do que parece “natural” — é a primeira medida para evitar reproduzir esse tipo de violência, que privilegia uns e oprime outros. (RIBEIRO, 2019, p. 11)

Após a fala de Tiago, Camilla de Luccas pede a fala e desabafa:

Por anos eu aprendi a odiar o meu cabelo. Que vem de mim, que vem da minha família. E eu conversei com o Rodolfo e eu falei para ele: “Realmente entendo que não foi na maldade”, mas a gente que tá do outro lado, a gente também não aguenta mais ouvir essa justificativa. Então, eu consigo enxergar nele, eu consegui enxergar que talvez não tenha sido de propósito, mas é uma coisa que a gente também não aguenta mais ouvir. Porque eu escuto esses termos, essas comparações desde 94, desde quando eu nasci. Então, hoje, eu já me coloco numa posição de: “Não aceito mais”. Também não quero mais ficar ensinando. Se as pessoas falam: “Ai, é mimimi”. Estão cansadas de ouvir isso, eu estou cansada de ter que falar também. Se é cansativo para vocês ouvirem, é cansativo para mim viver. Não quero mais. Então, assim, essa cobrança também de ficar: “Ai, a gente só vai aprender se vocês ensinarem”. Pesquisem, a internet está aí. Eu tô cansada, tô cansada de ficar explicando isso para todo mundo. Eu faço meus posicionamentos na internet, reclamo de maquiagem porque eu tô cansada de não ter, tô cansada de ouvir, é cansativo, a gente tá esgotado. Então, eu vou continuar falando, sim, porque eu sei que é necessário. Porque a gente só consegue transformar essa sociedade falando, lutando. Mas eu também estou cansada de ficar ensinando essa merda toda vez, não aguento mais, não aguento mais, não aguento mais. (REDE GLOBO, Big Brother Brasil. Fala da participante Camilla de Lucas, exibido em 6 de abril de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=76r87tNi7hA&t=193s&ab_channel=BigBrotherBrasil. Acesso em: 21/01/2023.)

João agradece ao apresentador e reforça a importância que é trazer essa pauta em horário nobre, ao vivo:

Talvez em algum momento eu fiquei engasgado. E aí esse engasgo, esse esgotamento eu não consegui externalizar tudo que eu estava sentindo. Eu e a Camilla, a gente sentiu muita coisa juntos depois da situação do que aconteceu. E aí, você faz isso, esse movimento que tá fazendo agora, que é um momento muito didático, trazendo com a minha profissão. É algo muito

de ensinamento. Então, te agradeço por esse ensinamento, que é muito importante. Eu acho que a gente deve fazer isso sempre. Toda vez que a gente identifica qualquer coisa, na hora que a gente tem que reagir e dizer: “Olha isso não é legal, não faz isso, não faça aquilo”. Eu acho que esse é um movimento que todo mundo tem que fazer. Porque só assim a gente vai combater tudo isso junto. (REDE GLOBO, Big Brother Brasil. Fala do participante João Luiz Pedrosa, exibido em 6 de abril de 2021. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=76r87tNi7hA&t=193s&ab_channel=BigBrotherBrasil. Acesso em: 21/01/2023.)

O apresentador reforça que o momento do discurso e trocas de experiências entre os participantes é importante para não deixar que isso se repita em edições futuras. Os participantes aplaudem Tiago e Rodolfo pede desculpas a João, Camilla e a todos que se sentiram ofendidos com a fala deles.

Para finalizar o capítulo, o apresentador, como de costume, faz o discurso para comunicar a saída de um dos participantes. Em seu discurso, Tiago menciona erros e segundas chances e, na sequência, anuncia a saída de Rodolfo. Ao se despedir, com a transmissão do programa ao vivo já encerrado, o eliminado abraça Camilla de Lucas, que reforça não querer se colocar em uma posição de uma pessoa que vai ficar falando e apontando para ele. Ao se despedir de João, pede desculpas e o abraça. João sorri e o perdoa.

3.3 REPERCUSSÃO NO TWITTER

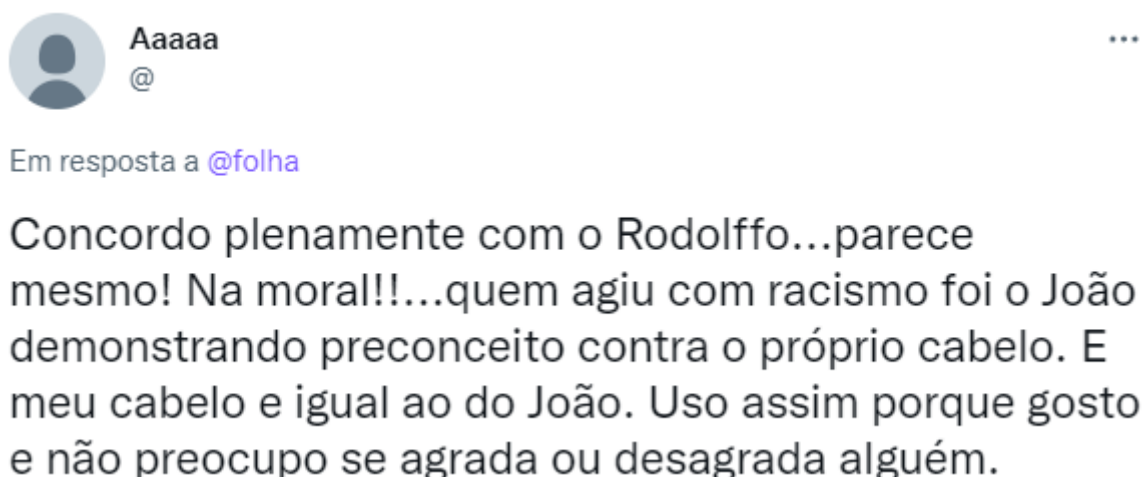
Para compreender a percepção do público diante do ocorrido mencionado no tópico acima, foi necessário analisar e entender comentários dos fãs do programa na rede social Twitter. Os comentários foram coletados no período em que o caso de racismo foi transmitido pela emissora Rede Globo, entre os dias 3 de abril de 2021 a 7 de abril de 2021. Vale destacar que a rede social é um dos canais mais utilizados pelo brasileiro e possui grande impacto na repercussão de notícias e acontecimentos do programa.

Em 2022, de acordo com dados da própria plataforma, o *reality* rendeu quase 2 milhões de publicações antes da estreia, representando um crescimento de 50% em relação ao ano anterior, que por sua vez, ultrapassou o número de pré-estreia em relação a 2020. Dessa forma, conclui-se que a relevância do Twitter para a audiência do programa cresce continuamente.

Programas como o BBB têm se beneficiado bastante das redes sociais. Gostaria de lembrar mais uma questão. As produtoras de formatos também podem aproveitar a atuação dos fãs, caso fiquem atentas ao que eles escrevem. As opiniões dos blogueiros especializados em Big Brother, por exemplo, podem servir como uma espécie de balizador para que a produção do programa entenda o que está funcionando ou não em uma dada edição do *reality show*. Entrevista: Bruno Campanella aborda relação entre fãs e o Big Brother Brasil. Rede Globo, 10/01/2012. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/01/entrevista-bruno-campanella-aborda-relacao-entre-fas-e-o-big-brother-brasil.html>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2023.

Em um *tweet* da Folha de S. Paulo noticiando a reafirmação de Rodolfo sobre a comparação da peruca da fantasia com o cabelo de João Luiz¹², foi possível identificar tanto comentários na defesa de Rodolfo, quanto comentários criticando o comportamento do participante.

FIGURA 5 - CAPTURA DE TELA DE RESPOSTA A PUBLICAÇÃO DE FOLHA DE S. PAULO:



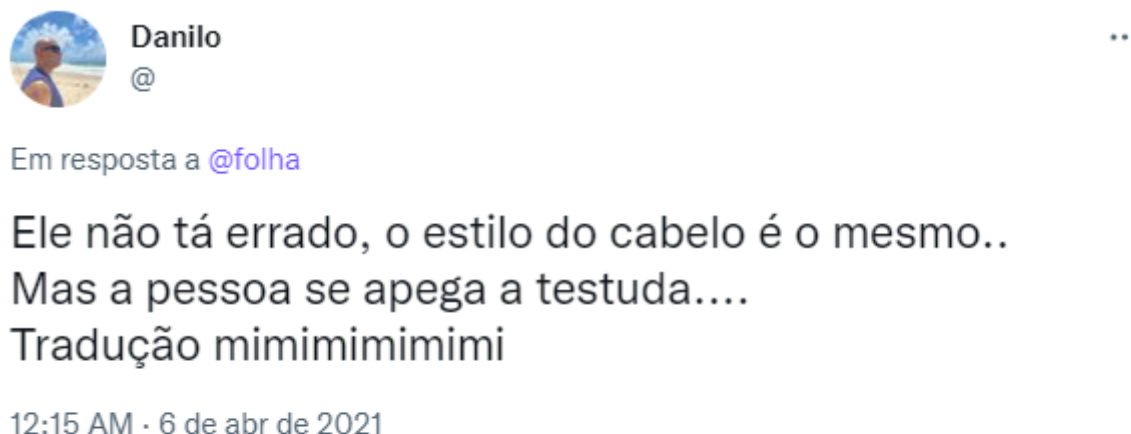
FONTE: TWITTER, 2023. Disponível em: <<https://twitter.com/Carneiroinfo/status/1381648083591827456>> Acesso em: 20/01/2023.

No comentário, a favor do participante Rodolfo Matthaus, o usuário acusa João Pedrosa de ser racista por “demonstrar preconceito” contra o *Black Power* que estava usando. Nesse cenário, é importante apontar a relação entre racismo e a meritocracia, observada por Silvio Almeida. O autor reflete que, no Brasil, a negação do racismo e a ideologia da democracia racial se sustentam pelo discurso da meritocracia. Sendo assim, se não há racismo, a “culpa” pela própria condição é das pessoas negras, que não fizeram tudo que estava ao seu alcance para reverter a situação (ALMEIDA, 2018, p. 63).

¹² Disponível em: <https://twitter.com/folha/status/1379270649965903873>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

Neste segundo comentário, dessa vez com 54 curtidas, o internauta define a pauta como “mimimi”, expressão utilizada para imitar uma pessoa que reclama sem necessidade.

FIGURA 6 - CAPTURA DE TELA DE SEGUNDA RESPOSTA A PUBLICAÇÃO DE FOLHA DE S. PAULO:



54 Curtidas

FONTE: TWITTER, 2023. Disponível em:
<<https://twitter.com/danilor1/status/1379271517276626946>> Acesso em: 20/01/2023.

O termo foi utilizado por diversos usuários, invalidando o sentimento de João em relação à discriminação racial. Comentários como o de Danilo possuem o mesmo padrão e seguem o pensamento de Rodolfo, não enxergando a representação do *Black Power* ou a luta antirracista. Tal reincidência do comportamento nos leva a refletir acerca do racismo no Brasil, país em que 56% da população se declara negra ou parda.¹³

O “racismo reverso” foi outro tema que foi levantado após o episódio. A publicação abaixo assemelha defensores de Rodolfo com o conceito racista:

FIGURA 7 - CAPTURA DE TELA DE PUBLICAÇÃO NO TWITTER:

¹³

Disponível em:
<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/22/total-de-pessoas-que-se-autodeclaram-preta-s-e-pardas-cresce-no-brasil-diz-ibge.ghtml>.



Luqitas ✨
@



O povo que defende o Rodolfo e fala q João tá se vitimizando: Brancos que acreditam em racismo reverso. Se não fosse trágico seria cômico

7:03 AM · 6 de abr de 2021

1 Curtida

FONTE: TWITTER, 2023. Disponível em:
<<https://twitter.com/LarreLino/status/1379374071893401600>> Acesso em: 20/01/2023.

Almeida (2018) explica que, o racismo reverso nada mais é do que um discurso racista pelo “avesso” em que pessoas privilegiadas se colocam em posição de vítima quando prejudicadas. É fundamental enfatizar que o termo equivocado consiste em um racismo praticado por minorias dirigido às majorias.

Há um grande equívoco nesta ideia porque membros de grupos raciais minoritários podem até ser preconceituosos ou praticar discriminação, mas não podem impor desvantagens sociais a membros majoritários, seja direta ou indiretamente. Homens brancos não perdem vagas de emprego pelo fato de serem brancos, pessoas brancas não são “suspeitas” de atos criminosos pela sua condição racial, pessoas brancas não tem sua inteligência ou sua capacidade profissional questionada devido à cor da sua pele. (ALMEIDA, 2018, p. 41)

Três semanas após a eliminação de Rodolfo, o público votou para João Luiz deixar a casa mais vigiada do Brasil. A eliminação levantou debate na rede:

FIGURA 8 - CAPTURA DE TELA DE PUBLICAÇÃO NO TWITTER:



CORDOVAL

@

...

João Luiz Pedrosa 24 anos, professor de Geografia, denunciou racismo no bbb. Ato de coragem! Resultado: Precisou trancar os comentários no Instagram por causa de ataques e foi eliminado. Enquanto o homem branco hétero que proferiu o preconceito segue no topo das paradas.

11:31 PM · 22 de abr de 2021

106 Retweets 7 Tweets com comentário 796 Curtidas

FONTE: TWITTER, 2023. Disponível em:
<<https://twitter.com/HenriCordoval/status/1385421103498153987>> Acesso em: 20/01/2023.

O comentário em defesa a João contou com 796 curtidas e destacou a coragem do participante ao denunciar o racismo dentro de um programa popular. Contudo, João foi vítima de ataques em suas redes sociais e precisou ocultar as interações desrespeitosas em suas postagens. Enquanto isso, Rodolfo, responsável pelas falas racistas contra João, teve sua música “Batom de Cereja” com sua dupla sertaneja Israel como música mais escutada no *Spotify*.¹⁴

Ainda, em outra publicação da conta oficial da Folha de S. Paulo no Twitter anunciando que João estava contente em não ter deixado o racismo passar batido no jogo, a recepção do público foi majoritariamente negativa:

FIGURA 9 - CAPTURA DE TELA DE COMENTÁRIOS NO POST DA FOLHA DE S. PAULO:

14

Disponível em:
<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/12/01/sertanejo-domina-lista-de-mais-ouvidos-do-spotify-em-2021.ghtml>.



FONTE: TWITTER, 2023. Disponível em:
<<https://twitter.com/folha/status/1385480566896795651>> Acesso em: 20/01/2023.

As fontes analisadas, em sua grande maioria, apresentam uma recepção racista do público. Os *tweets* seguem um padrão: invalidam e acusam a vítima de oportunista e “reclamona”. Destaca-se que os comentários negativos direcionados para o João são principalmente de homens brancos.

O comportamento dos usuários do Twitter reflete a realidade do Brasil, um país cujo 84% da população reconhece o racismo no país, porém apenas 4% se consideram preconceituosos.¹⁵

De acordo com uma pesquisa feita pelo Exame, 61% dos entrevistados consideram que “a patrulha do politicamente correto está deixando o mundo chato”,

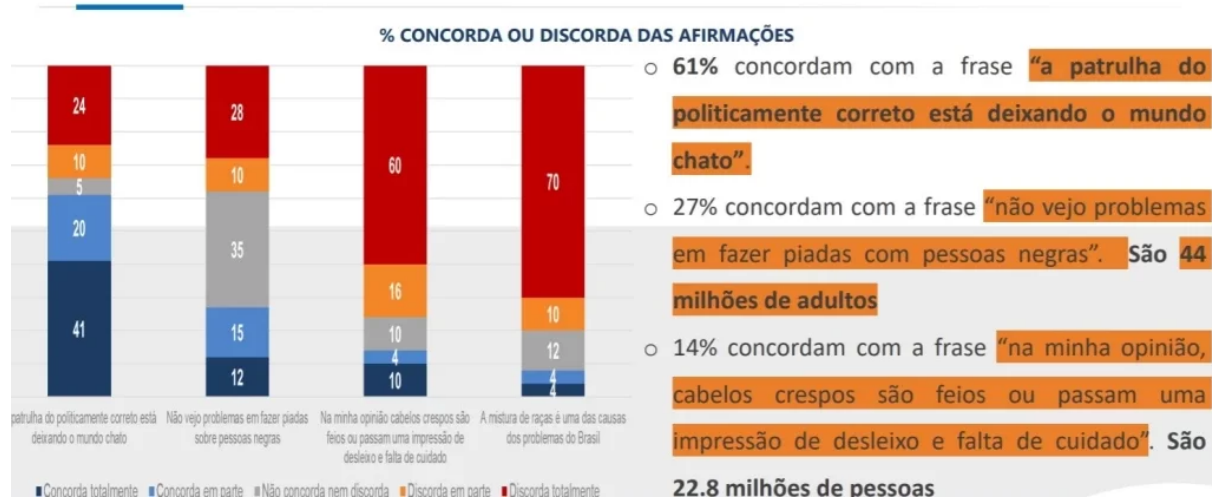
¹⁵

Disponível em: <https://exame.com/negocios/no-brasil-84-percebe-racismo-mas-apenas-4-se-considera-preconceituoso/>

reforçando a ideia de que existe um exagero ou irrelevância nas dores das vítimas de ofensas raciais:

FIGURA 10 - GRÁFICO COM A PERCEÇÃO DO BRASILEIRO AO RACISMO NO PAÍS:

E MESMO RECONHECENDO A EXISTÊNCIA DO RACISMO, A MAIORIA AINDA CRITICA EXISTÊNCIA DA "PATRULHA DO POLITICAMENTE CORRETO"



FONTES: EXAME, 2021. Disponível em:

<<https://exame.com/negocios/no-brasil-84-percebe-racismo-mas-4-se-considera-preconceituoso/>> Acesso em: 20/01/2023.

Diante das publicações e interações analisadas, é possível concluir que grande parte do público desconsiderou a importância nas falas de João Luiz Pedrosa, problematizando o fato do participante ter abordado o tema em um horário em que o programa estava sendo transmitido ao vivo em rede nacional. Além disso, muitos internautas enxergaram o posicionamento de João como uma estratégia para prejudicar Rodolfo, que estava no paredão. Apesar do discurso de Tiago Leifert durante a eliminação do cantor sertanejo, a emissora não tomou nenhuma outra providência para debater as questões raciais apresentadas no programa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou a relação e percepção do público brasileiro ao racismo, buscando correlacionar a forma em que lidam com estas situações, uma vez que o surgimento de novas mídias aumentou cada vez mais o poder de alcance, e permitiu, portanto, maior engajamento e acesso à novas informações.

Foi necessário, para que houvesse o entendimento desta relação, debater a origem do racismo, seus termos e variações no decorrer dos anos, assim como, o nascimento da televisão, suas diversas nuances, formas de linguagem e poder para propagar novas histórias, cotidianas ou não, mediante de sua inserção na rotina brasileira e o aparecimento de novos gêneros televisivos, como os *realities shows*, que foram modificando a forma que o telespectador interage com a televisão.

Como objeto de estudo, foi utilizada a situação envolvendo o cantor sertanejo Rodolfo Matthaus, do BBB 21, em que ele protagonizou um episódio de racismo dentro do *reality*, relacionando o *Black Power* do professor e companheiro de programa, João Luiz Pedrosa, à peruca de um homem das cavernas.

Utilizou-se como cerne principal do estudo, toda a situação abrangente da discussão entre as duas partes envolvidas, a perspectiva de cada e o rumo que se deu após um dos arcos do programa, conhecido como “jogo da discórdia”, em que os dois participantes se desentenderam ao conversar sobre o ocorrido, o que provocou rapidamente o engajamento e discussão resultante de diversas pautas realizadas pelo público à época.

Este estudo obteve seu objetivo concluído ao identificar as principais reações advindas do público ao se deparar com uma situação racista, identificando e analisando as principais respostas e caracterizações geradas na discussão, debatendo o significado de seus comentários.

Através da pesquisa, foi possível observar que houve comentários positivos em favor de João em sua discussão com Rodolfo, porém, também houve diversos comentários condenando a ação do professor em relatar o caso do racismo sofrido.

Foi possível avaliar através disto, como ainda há uma convivência de parte deste público com relações racistas e como várias pessoas se identificaram com o sentimento de descaso em relação aos relatos do professor e a maneira ao qual ele reagiu com a situação. Apesar do discurso proferido por Tiago Leifert na eliminação de Rodolfo, nenhuma ação para prevenir futuras ocorrências foi de fato tomada, o

que seria algo relevante, devido ao alcance do programa no âmbito nacional e como este reflete em grande parte do povo brasileiro, posto que é um dos realities mais populares do país.

Também percebeu-se que em um país com porcentagem tão grande de casos de racismo como o Brasil, muitos se sentiram ofendidos e tomaram parte da discussão, afirmando e revertendo o contexto acometido para entrar em concordância com o cantor. Isso evocou a ideia de “racismo reverso” na qual os privilegiados acreditam serem vítimas de discriminação, o que no fim é apenas mais um outro tipo de discurso racista.

Mesmo assim, ainda há pontos positivos a serem percebidos nos comentários. Pudemos observar pessoas que estavam debatendo e questionando quem propagava as mensagens de ódio, demonstrando que não possuímos apenas pessoas que aceitam o racismo, mas também, quem o combate.

A responsabilidade e a forma como tudo isso se expressa no *reality* mais acompanhado do país é enorme. Tudo o que é dito, é levado em consideração e se transforma em pauta para discussões, o que é importante para identificar o problema, mas é necessário também encontrar outras formas de se pronunciar e refletir para que o discurso racista não se propague, e que cada vez menos seja algo corriqueiro na vida do telespectador. Para que essa premissa não seja levada mais à sério, é necessário que se conscientize cada vez mais quem assiste, mostrando a importância de movimentos raciais e instigando a procura e o interesse por assuntos e debates tão importantes.

Espera-se que seja observado a importância e relevância das diversas pautas raciais dentro e fora do ambiente televisivo e que traga a oportunidade da reflexão. Com o aumento da exposição midiática, e seu crescimento iminente, é inegável o alcance e a globalização de conteúdo, de culturas e histórias. Cada vez mais, somos expostos ao conhecimento, não é possível reescrever o passado, mas sim, mudar o futuro. A televisão e outras mídias têm o poder de fomentar discussões e contribuir para a mudança de mentalidades.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Claudia Rosa e NOHARA, Jouliana Jordan. “**Interpretações sobre os Retratos dos Afro-descendentes na Mídia de Massa**”. Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, Edição Especial, 2008.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Produção, 2019.

ALVES, Diego Cunha. **Estado e sociedade na era da informação**: a relação entre as transformações sociais e as novas tecnologias da informação na contemporaneidade. Disponível em:

<<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/historia/estado-sociedade-na-era-informacao-relacao-entre-as-transformacoes-sociais-novas-tecnologias.htm>> Acesso em: 28 de setembro de 2023.

BRANDALIS, Camila. **Os reality shows são o espelho da sociedade**. ISTOÉ, 2014. Disponível em:

<https://istoe.com.br/350102_OS+REALITY+SHOWS+SAO+O+ESPELHO+DA+SOCIEDADE+/>. Acesso em: 07 de abril de 2022.

CAMPANELLA, Bruno. “**A Comunidade de Fãs do Big Brother Brasil: Um Estudo Etnográfico**”. Colóquio Internacional Televisão e Realidade, Bahia, 2008.

CAMPANELLA, Bruno. Entrevista: **Bruno Campanella aborda a relação entre fãs e o Big Brother Brasil**. Rede Globo, 10/01/2012. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/01/entrevista-bruno-campanella-aborda-relacao-entre-fas-e-o-big-brother-brasil.html>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2023.

CAPUANO, Amanda. **BBB: números provam que Brasil é o país mais viciado no programa**. Veja, 01/02/2022. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/bbb-numeros-provam-que-brasil-e-pais-mais-viciado-no-programa/>> Acesso em: 9 de abril de 2022.

CASEY, Bernadette. et al. **Television Studies: The Key Concepts**. 2. ed. Nova Iorque: Routledge, 2008.

CASTRO, Cosette. **Por que os reality shows conquistam audiências?**. São Paulo: Paulus, 2006. p. 28-33.

CASTRO, Gabriella. **BBB 21: falas preconceituosas são levadas como brincadeira**. Correio Braziliense, 2021. Disponível em: <<https://www.correio braziliense.com.br/euestudante/cultura/2021/04/4916578-bbb-21-falas-preconceituosas-sao-confundidas-como-brincadeira.html>> Acesso em 20 de janeiro de 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 1. ed. Bruxelas: Universidade de Boeck, 2005. p. 104-120.

CREEBER, Glenn. **The Television Genre Book**. 1. ed. Londres: British Film Institute., 2001. p. 134-137.

GAMBARO; D; FERREIRA; G. **Introdução à Televisão: Caderno de Estudos**. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2012.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016. p. 9-246

JOST, François. **Compreender a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

JOST, François. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MELO, Geovana. **BBB 21 é o reality show brasileiro com maior número de participantes negros**. Correio Braziliense, 25/01/2021. Disponível em: <<https://www.correio braziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/01/4902470-bbb-21-e-o-reality-show-brasileiro-com-maior-numero-de-participantes-negros.html>> Acesso em 20 de janeiro de 2023.

MORI, Letícia. **BBB21: Se um negro erra, racismo condena população negra inteira sem 2ª chance, diz pesquisadora.** BBC News, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-56164314>> Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

NEVES, Marília. **Como racismo virou debate no BBB e inquérito policial após comentário de Rodolfo sobre cabelo de João.** Globo, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/04/09/como-racismo-virou-debate-no-bb-b-e-inquerito-policial-apos-comentario-de-rodolfo-sobre-cabelo-de-joao.ghtml>> Acesso em: 21 de janeiro de 2023.

ROCHA, Debora Cristine. **“Reality TV e reality show: ficção e realidade na televisão”.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Ecompós, Brasília, v.12, n.3, set./dez. 2009

RODRIGUES, Guilherme. **BBB19 é a temporada de menor audiência da história do reality.** UOL, Rio de Janeiro, 13/04/2019. Disponível em <<https://observatoriodatv.uol.com.br/audiencia-da-tv/bbb19-e-a-temporada-de-menor-audiencia-da-historia-do-reality>>. Acesso em 9 de abril de 2022.

SANTOS, Micaela. **BBB 21": reality mostrou o poder das 'comunidades virtuais' (e por que as marcas devem se importar com elas).** Época Negócios, 05

SILVA, Maria Lúcia da. **Racismo no Brasil: questões para psicanalistas brasileiros.** In: Noemi Moritz Kon; Maria Lúcia da Silva; Cristiane Curi Abud (Orgs.). O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2019.

SHOHAT, E; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação.** São Paulo: Cosac Naify, 2006.

STOREY, John. **Teoria cultural e cultura popular: uma introdução.** São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira.** São Paulo: Claro Enigma, 2012.

WIEVIORKA, Michel. **O racismo, uma introdução.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão: Tecnologia e Forma Cultural.** Padstow: Routledge Classics, 1974.

ZUFFO, Marcelo Knörich. **A Convergência da Realidade Virtual e Internet Avançada em Novos Paradigmas de TV Digital Interativa,** 2001, 91p.